

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

LARISSA CAROLINE KUBO

**Projeto Asiatique: Uma análise comunicacional sobre a influência dos estereótipos na
construção da identidade**

São Paulo
2019

LARISSA CAROLINE KUBO

Projeto Asiaticque: Uma análise comunicacional sobre a influência dos estereótipos na construção da identidade

Trabalho de Conclusão de Curso à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como critério para formação no curso de Bacharelado em Comunicação Social com Habilitação em Relações Públicas

Orientadora: Prof^a Dra^a Simone Alves de Carvalho

São Paulo
2019

Ficha Catalográfica

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Kubo, Larissa Caroline
Projeto Asiaticque: Uma análise comunicacional sobre a
influência dos estereótipos na construção da identidade /
Larissa Caroline Kubo ; orientadora, Simone Alves de
Carvalho . -- São Paulo, 2019.
83 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso - Departamento de Relações
Públicas, Propaganda e Turismo/Escola de Comunicações e
Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia
Versão corrigida

1. Construção da Identidade 2. Estereótipos Asiáticos 3.
Discurso 4. Interseccionalidade I. Carvalho , Simone Alves
de II. Título.

CDD 21.ed. - 302.2

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Folha de Aprovação

KUBO, Larissa Caroline. **Projeto Asiaticque**: Uma análise comunicacional sobre a influência dos estereótipos na construção da identidade. 2019. 83 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social com Habilitação em Relações Públicas, Relações Públicas, Propaganda e Turismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Trabalho de Conclusão de Curso à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como critério para formação no curso de Bacharelado em Comunicação Social com Habilitação em Relações Públicas

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof(a) Dr(a):

Instituição:

Julgamento:

Prof(a) Dr(a):

Instituição:

Julgamento:

Prof(a) Dr(a):

Instituição:

Julgamento:

Agradecimentos

À minha mãe por ser meu maior exemplo de força e resiliência. Obrigada pelo amor incondicional.

Ao meu pai por me mostrar a beleza e o amor na simplicidade dos pequenos gestos. Sem isso não conseguiria valorizar cada pequena conquista.

Ao meu irmão caçula por todo otimismo e pelas palavras confiantes que me fizeram chegar até aqui.

Ao meu irmão mais velho pela generosidade com a qual enxerga a vida e à todos, essa perspectiva foi essencial para ajudar a me reerguer depois de cada queda.

Ao meu namorado por todo amor e por ser meu exemplo de dedicação na busca da realização de um sonho.

Aos meus amigos por me apoiarem e me aguentarem falar incansavelmente sobre o TCC.

À Prof^ª. Dr^ª. Simone Alves de Carvalho pela seriedade e dedicação em todas as orientações. Obrigada por ter acolhido meu tema, mas principalmente por nunca desistir de mim.

Às convidadas da banca examinadora, Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Lago e M^ª. Tariana Machado por aceitarem fazer parte desse momento.

À Escola de Comunicações e Artes por todo conhecimento adquirido ao longo do curso de graduação.

À Universidade de São Paulo por abrir as portas para novas possibilidades.

“Mire e veja: O mais importante e bonito, do mundo, é isto: Que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam.” (Guimarães Rosa)

“(…) A herança que me foi dada por todas as mulheres foi a força, independência, me sentir bonita com meus próprios traços e corpo e o nosso poder de acolher e se unir. Todas nós carregamos Okinawa no sobrenome apesar do sexismo hereditário que apaga os sobrenomes das mulheres. Nós existimos e existiremos.” (Fernanda, Projeto Asiaticque)

Resumo

No Brasil encontramos grande diversidade étnica e cultural no entanto, para algumas pessoas, parecem existir certas barreiras responsáveis por criar a sensação de deslocamento em relação ao Brasil como país de origem. A partir dos conceitos de Interseccionalidade, Consustancialidade e Discurso analisamos como os estereótipos agem no processo de construção da identidade de mulheres brasileiras de ascendência asiática amarela, asiática marrom e mulheres de ascendência interétnica. A análise foi baseada em 10 postagens selecionadas do Projeto Asiatique, presente na plataforma digital Instagram desde 2018.

Palavras-chave: Estereótipos Asiáticos, Identidade, Discurso, Interseccionalidade.

Abstract

In Brazil we find great ethnic and cultural diversity, however, for some people there are seem to have barriers which is responsible for creating the sense of displacement about to Brazil as their native country. From the concepts of intersectionality, Social Relation consubstantiality and Discourse we analyze how stereotypes act in the identity construction process of some brazilian women. We have focused on the experience of yellow asian ascendent, brown asian ascendent and interethnic ascendent women. The Analysis was made considering 10 posts selected from the Instagram page called Projeto Asiatique, available since 2018.

Keywords: Asian Stereotypes, Identity Construction, Discourse, Intersectionality.

SUMÁRIO

1 Introdução	9
2 Identidade	11
2.1. Comunidade Imaginada	14
2.2. Identidade Cultural	16
2.3. Alteridade ligada à construção da Identidade	17
3 Desdobramentos Sociais dos Estereótipos	19
3.1. Estereótipos	19
3.2. A Construção histórica do Feminino	21
3.3. Interseccionalidade	24
3.4. Consubstancialidade das Relações Sociais	26
4 Discurso e Relações Públicas	28
4.1 Discurso	28
4.2. Discurso, Relações Públicas e Diversidade	31
5 Metodologia	35
5.1. Análise de discurso	35
5.2. Análise da Imagem	36
6 Estudo de Caso: Projeto Asiatique	37
7 Considerações Finais	77
Referências Bibliográficas	79

1 Introdução

O processo de imigração ganhou força a partir do momento em que passou a ser alternativa para a substituição do uso de mão-de-obra escrava pois fazendeiros que costumavam fazer uso desse tipo de trabalho recusaram-se a empregar e pagar salários à ex-escravos, favorecendo a imigração europeia. Ressaltamos que a preferência por imigrantes brancos era resultado de uma política nacional de branqueamento da população, medida social de caráter racista que tentou dissipar traços fenotípicos e a influência cultural negra após a abolição da escravatura em 1888.

Os imigrantes europeus compunham boa parte da mão-de-obra em diversos setores da economia no século XIX. Nessa época, o Brasil era visto por países da Europa e da Ásia como um país de muitas oportunidades sendo associado à possibilidade de melhoria da condição de vida.

Ao longo dos anos, os fluxos imigratórios dirigiram-se da região Nordeste às regiões Sudeste e Sul para as produções cafeeiras e de agricultura e pecuária respectivamente. É importante lembrar que muitos imigrantes europeus viam no Brasil uma alternativa para fugir do caos provocado pelas duas grandes Guerras Mundiais.

Como resultado dos fluxos imigratórios é possível destacar o intercâmbio cultural presente nas regiões em que as colônias de imigrantes estabeleceram-se. A diversidade deveria ser, a princípio, algo comum à realidade atual dada a quantidade de ascendências diferentes encontradas no povo brasileiro.

No presente, parece haver uma barreira simbólica impedindo o reconhecimento do indivíduo como pertencente ao país que anteriormente acolheu seus antepassados imigrantes. Nesse sentido, podemos pensar a criação dos estereótipos como processo cognitivo referente à tentativa de compreensão mais rápida do mundo, mas ao mesmo tempo são elementos que podem carregar aspectos por vezes preconceituosos colaborando para que haja sensação de deslocamento identitário e até de não-pertencimento para determinados indivíduos.

Neste trabalho procuramos entender até que ponto os estereótipos possuem influência no processo de construção da identidade dos indivíduos de ascendência asiática amarela, de ascendência asiática marrom, e indivíduos interétnicos.

Nos primeiros capítulos abordamos perspectivas teóricas e os conceitos de Identidade, Alteridade, Estereótipos, Interseccionalidade e Consubstancialidade das Relações Sociais. Discutimos brevemente sobre o papel das Relações Públicas no

acolhimento da diversidade a partir da Comunicação Organizacional. Por fim, realizamos o estudo de caso cujo objeto de pesquisa é o Projeto Asiatique, disponível no Instagram.

2 Identidade

As origens mais primitivas do ser humano forneceram a base de conhecimento para que fosse possível explorar questões como “quem sou eu em meio ao grupo?”, “por que somos tão diferentes?”, “qual meu papel social?” perguntas presentes no imaginário coletivo assim como tema de pesquisa para diversos campos do conhecimento. Para o presente trabalho, direcionamos o foco para a construção da identidade de modo a entender como acontece o processo de formação identitária do sujeito descendente de povos imigrantes no Brasil.

A globalização permitiu que as fronteiras entre culturas distintas pudessem ser atravessadas com maior naturalidade tornando o intercâmbio de informações, produtos, pessoas muito mais fácil e comum. Tal realidade surgiu com as sociedades modernas do final do século XX e expuseram o ser humano a uma série de estímulos antes desconhecidos ou pouco disseminados, considerando as limitações tecnológicas pré-Globalização principalmente em relação à comunicação.

O conceito de velhas identidades e de sujeito moderno considerava a identidade do indivíduo como algo unificado. Durante o período moderno houve a transformação do conceito de identidade passando da unificação à fragmentação. Entendemos que a transição ocorreu porque

(...) Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais, de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um sentido de si estável, é chamada, algumas vezes de deslocamento ou descentração do sujeito (...) (HALL, 2006, p.09).

Uma vez que o ser humano é um ser social e assume o convívio em coletividade como um comportamento natural, intrínseco, podemos pensar quais as implicações geradas pela interação social para a formação de sua identidade. A relação entre pessoas gera o que chamamos de ambiente social, cujas características são extremamente variáveis e no qual os indivíduos estão inseridos. Num ambiente social variável, o diálogo entre o indivíduo e a sociedade permite que exista uma quantidade vasta de estímulos aos quais pode-se agregar e entendê-los como nova parte constituinte de sua identidade, ou afastá-los. No

indivíduo pós-moderno, a identidade encontra-se em constante relação com o ambiente social dado que

O sujeito ainda tem um núcleo interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos exteriores oferecem.(Hall, 2006, p.11-12).

No decorrer das últimas décadas vive-se num contexto em que as situações acontecem de modo dinâmico, assim sendo, a ruptura da identidade do sujeito unificado nada mais é do que um dos efeitos da virada do século e das novas demandas sociais, a adaptação passou a acontecer de maneira fluida, líquida, transformando a concepção de sujeito. Assim sendo, é possível compreendermos que a identidade do indivíduo ou modifica-se ou são criadas novas identidades capazes de acompanhar as demandas sociais. Significa que uma pessoa não restringe o seu “eu” a apenas uma característica, mas à um conjunto de outras características que funcionam como partes formadoras de sua identidade, em outras palavras as características são as peças do quebra-cabeça que é a identidade. Isso acontece porque as pessoas participam, criam vínculos sociais que as fazem ser como são, caracterizando a identidade como algo permanentemente em construção.

Podemos pensar as relações estabelecidas assim como a identidade em construção, através do modo como uma pessoa é introduzida a um novo grupo. É comum no primeiro dia de aula que o professor ou professora peça para que cada um dos alunos apresente-se aos demais, o esforço mental necessário para executar tal tarefa parte da premissa de “quem sou eu” por meio da organização de características que os torna indivíduos únicos em meio aos demais, logo, reúne-se informações sobre o que é importante para eles, e o que gostariam que os novos colegas conhecessem. Logo, uma pessoa pode descrever-se a partir de diversos tipos de características físicas e psicológicas tais como, gênero, idade, instituições educacionais pelas quais passou, composição familiar, classe social, ascendência étnica, gostos musicais, gostos literários entre outros. Há uma porção de características possíveis para identificar uma pessoa, essas características podem ser consideradas fatores responsáveis pela composição do indivíduo enquanto sujeito. Nesse caso, ao dizer que “é”, quer dizer também que pertence, identifica-se, há o reconhecimento como. O sujeito pós-moderno organiza o processo de construção da identidade com base na ideia de tornar-se parte, identificar-se.

Existem diversas características às quais se é capaz de atrelar a identidade e, considerando principalmente o conceito de sujeito pós-moderno, podemos adicionar outra camada à discussão identitária, chamada “Jogo das Identidades” (HALL, 2006) . No caso do

indivíduo composto por várias camadas identitárias diferentes por identificar-se com vários aspectos sociais do meio no qual encontra-se inserido, é natural pensarmos na existência de uma identidade capaz de sobrepor-se às outras. Ser mulher pode ser mais importante do que ter ascendência de uma determinada etnia, que por sua vez pode ser ainda mais importante do que ser estudante de uma instituição educacional e assim por diante. Num contexto de debate cuja temática seja gênero, é provável que seus participantes tomem como base os próprios gêneros para elaborar uma argumentação a partir de informações acerca de tudo o que já leram ou ouviram até aquele momento, bem como as próprias experiências de vida, para agregar valor ao ponto de vista desenvolvido no argumento. A partir do exemplo, podemos concluir que, ao assumir uma identidade pertinente ao contexto, o sujeito não dispõe de uma identidade mestra capaz de coordenar todas as outras, dependendo exclusivamente do tipo de situação à qual ele encontra-se exposto, portanto, a pessoa se posicionará como líder, filha, profissional, companheira, amiga, entre outras demais identidades de acordo com a situação social.

Seria extremamente mais simples se houvesse uma forma de coordenarmos racionalmente o caos e a complexidade que envolve a natureza do ser humano. A dúvida em relação à identidade mestra é também um reflexo do diálogo entre o individual, "eu" e o coletivo "como me coloco à disposição ou me encaixo socialmente". Outras áreas do conhecimento tomaram como objeto de estudo essa relação entre individual e coletivo. A Linguística, em uma de suas vertentes, expõe o pilar teórico de que a função básica da linguagem abrange a comunicação a partir da padronização de signos porém, em estudos desenvolvidos por Saussure (2006), é evidente que apesar da tentativa de padronização da linguagem quanto ao sentido, existe paralelamente uma internalização individual - ideia -, ou seja, podemos entender que, em alguns casos, o individual sobrepõe-se ao coletivo, por meio da subjetividade presente na interpretação daquilo que é expressado por meio da linguagem portanto, não é porque uma palavra possui um sentido denotativo que ela não poderá ser aplicada em sentido conotativo assumindo caráter íntimo para uma pessoa. Já na área da psicanálise, a ideia de padronização em conflito com a individualidade do "eu" expressa-se por meio da noção de construção da identidade. Hall (2006) defende que, a leitura feita por Lacan a partir da teoria do inconsciente Freudiana sustenta que a criança captura a imagem do eu inteiro e unificado através da observação do mundo que a envolve, nesse sentido, o processo não inicia-se no núcleo da criança, mas no relacionamento com o outro, considerando principalmente o modo como esse observador a enxerga.

Entendemos que existe uma relação evidente entre o "eu" e o "outro", o "interno" e o "externo", "individual" e o "coletivo". Abordamos brevemente a perspectiva da linguística e

da psicologia, logo, não poderíamos omitir a perspectiva sociológica dessa relação. A partir da perspectiva sociológica, é possível pensarmos no indivíduo como uma "parte" e na cultura como o "todo", dentro desse cenário é importante considerarmos a influência constante da narrativa nacional que usa a cultura como fator que a todo momento tenta reunir todos os indivíduos em torno de um grupo homogêneo e elimina as particularidades individuais de cada um. Como mencionado anteriormente, há diversas camadas identitárias presentes internamente no indivíduo dialogando entre si, ao passo que externamente há uma narrativa nacional agindo de modo a tentar impor-se como uma identidade mestra.

2.1 Comunidade Imaginada

O desenvolvimento de uma narrativa nacional só é possível se pensarmos em uma comunidade simbólica ou imaginada. O sentimento de pertencimento a partir da comunhão de propriedade intangível não é o único responsável por definir a criação de um grupo, o ambiente enquanto lugar também pode ser considerado um fator de influência direta no modo como uma pessoa enxerga sua inserção numa comunidade estabelecendo seu nível de participação e representação, conseqüentemente, atuando na formação de sua identidade. A noção de lugar considera principalmente as relações ou memórias afetivas do indivíduo com o espaço no qual ele habita ou transita cotidianamente seja ele uma rua, uma cidade, um estado ou um país.

Ao descrever a si mesmo, frequentemente uma das características ressaltadas é a nacionalidade, conceito cuja aplicação serve apenas para fins simbólicos e burocráticos. Não raro, acontece a associação equivocada entre a noção de herança étnica e nacionalidade, equivocada porque não existe uma construção genética e fenotípica capaz de definir o brasileiro por exemplo, ou seja, não existe uma condição biológica para ser brasileiro, a priori basta o indivíduo nascer dentro dos limites territoriais do Brasil ou obter a cidadania brasileira.

A narrativa nacional contribui para a construção do que chamamos identidades nacionais (HALL, 2006). As identidades nacionais basicamente são as narrativas responsáveis por construir a noção do ser/pertencer ao grupo, delimitam a fronteira da comunidade imaginária sendo fomentadas no imaginário coletivo através das representações simbólicas de origem cultural.

No Brasil, por exemplo, se duas pessoas que moram em Estados diferentes acabaram de se conhecer, é natural que façam uma auto descrição como sendo paulistas para aqueles que moram no estado de São Paulo ou fluminenses para aqueles que moram

no Estado do Rio de Janeiro, ao invés de ambas dizerem que são brasileiras visto que essa informação é tida como óbvia no diálogo, faz-se um recorte menor ao evidenciar o Estado no qual cada uma delas reside, esse é portanto, o modo mais fácil de orientar o outro na tentativa de causar um reconhecimento e, ao mesmo tempo, tornar perceptível seu pertencimento à um grupo. Nesse caso, quando a identidade nacional encontra-se implícita tratando-se de uma informação comum, recorremos à subcategorias para que possamos nos definir.

De acordo com Hall (2006) a narrativa das nações é o conjunto de elementos capazes de conectar as experiências do cotidiano monótono de cada habitante de um dado lugar à um destino nacional muito mais antigo do que ele e que provavelmente ainda estará vivo no imaginário coletivo depois de sua morte. Supondo que uma pessoa estrangeira fosse incumbida da tarefa de explicar como é pertencer ao seu país de origem, o primeiro recurso que ele ou ela utilizaria seria evocar as origens e portanto a intemporalidade presente no que é ser um japonês, inglês, alemão etc. passados alguns minutos do relato, o próximo tópico seria explicar quais são as tradições existentes e relevantes para que os ouvintes pudessem começar a compreender como funciona aquela sociedade que é diferente da sua. À medida que a narrativa fosse caminhando para o final, o orador passaria por dois outros pontos fundamentais, o primeiro deles seria o mito fundacional repleto de símbolos, cuja função seria estabelecer o interlocutor num tempo e espaço tão distantes quanto a imaginação fosse capaz de levá-los, passando ao segundo e último ponto, abordaria os primeiros integrantes daquela nação, ou seja, trabalharia a ideia do povo que a originou.

O princípio mais relevante na narrativa das nações é a ambiguidade que permite ao indivíduo transitar entre passado e futuro, ora caminhando ao lado da tentação de retornar ao passado, ora visando a aproximação com a modernidade. Hall (2006) aponta que as culturas nacionais ainda são as principais fontes que fundamentam a identidade cultural.

Pensando no Brasil novamente como exemplo, existe uma diversidade étnica presente na população, traços historicamente herdados em decorrência do processo de colonização e imigração, ou seja, a população varia muito em relação ao fenótipo e ascendência étnica, além, é claro, da variação em outros aspectos sociais tais como gênero e classe social, porém, a cultura nacional ignora todas essas diferenças na busca pela unificação em torno de uma narrativa comum a todos. Independentemente das condições e da realidade que cada um vive em seu cotidiano, seja uma mulher vivendo numa comunidade como o Heliópolis, em São Paulo, ou um homem vivendo num bairro nobre como a Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, todos fazem parte do mesmo país e deveriam compartilhar o mesmo sentimento do que é ser brasileiro. Dentro dessa narrativa comum,

ressaltarmos que existem diversas implicações agindo no desenvolvimento da identidade cultural de uma mulher, pobre, que mora numa região periférica e de um homem, abastado, que mora numa região nobre. Em alguns aspectos, é imprescindível reconhecer que não há igualdade, embora brasileiros, somos diferentes.

Podemos pensar que apesar da influência da globalização e do rompimento de certas fronteiras culturais proporcionadas pelos avanços tecnológicos na comunicação, a narrativa nacional, atrelada à identidade nacional, são responsáveis por estabelecer uma comunidade imaginada.

2.2 Identidade Cultural

Toda cultura envolve um discurso formado por símbolos e representações cujo principal objetivo é justamente organizar as ações e a concepção que o ser humano tem de si mesmo. Dessa forma, as culturas nacionais contribuem para consolidar a ideia de nação e ainda geram sentidos nos quais é possível projetar-se, ou seja, fundamentam identidades.

A identidade cultural vai muito além de uma simples devoção e lealdade em relação ao compartilhamento dos costumes, crenças, idioma e outros elementos que possam definir a prática cultural, é, sobretudo, um instrumento de poder.

Historicamente todo processo de colonização, especialmente a colonização de caráter exploratório, envolveu certo nível de dominação de um povo para com o outro. A cultura do povo colonizado muitas vezes acabava subjugada à cultura do povo colonizador numa sistemática de poder. Podemos entender também como uma tentativa de homogeneização de povos e culturas o ato de definir um indivíduo considerando algumas características físicas e alguns aspectos de sua cultura de modo absolutamente generalizado e simplista. Nesse caso, as características associadas à identidade cultural refletem um ponto de vista que a todo momento coloca em evidência uma série de estereótipos que não necessariamente condizem com a realidade, limitando a percepção e as possibilidades de reflexão acerca do que, de fato, significa pertencer socialmente à um país enquanto nação moderna hibridizada.

No entanto, podemos afirmar que as identidades entraram num movimento de deslocamento assim como as narrativas nacionais começaram a perder suas forças. Isto porque a Globalização permitiu que as culturas pudessem fluir de modo a transformar-se em algo acessível a todos que desejam consumi-las.

Através do mercado cultural é possível consumir os mais diversos tipos de cultura sem necessariamente ter que se deslocar até o país de origem, uma pessoa pode obter uma

simples imersão na cultura chinesa participando de um Festival do Ano Novo chinês no bairro da Liberdade, em São Paulo. Nesse caso, também pode haver particularidades no Festival do Ano Novo Chinês comemorado no Brasil que o difere do Ano Novo Chinês comemorado na China, porém a experiência é suficiente para que a cultura seja exercida e difundida.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas - desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem flutuar livremente. Somos confrontados por uma gama de identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer a escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de supermercado cultural (HALL,2006, p.75).

Isto posto, entendemos que os indivíduos pós-modernos, expostos a inúmeros novos estímulos são capazes de agregar novas partes constituintes de sua identidade por simplesmente terem acesso à cultura mundial por meio da Globalização e difusão de mercados culturais. A partir do desligamento do sujeito para com a narrativa nacional, podemos afirmar que a perspectiva homogeneizante em torno do discurso de identidade nacional com o intuito de reprimir diferenças, não é adequada para contemplar as particularidades que hoje refletem a questão identitária.

2.3 Alteridade ligada à construção da Identidade

Explorados o processo de construção da identidade bem como o movimento de deslocamento da identidade, passamos à questão do reconhecimento do eu em relação ao outro. Por que afinal é tão importante que seja reconhecido ou ao menos compreendido o direito a ser, pertencer, identificar-se? Se no interior do indivíduo não há quaisquer dúvidas sobre sua identidade, deveria esse posicionamento ser o suficiente para exercê-la perante a sociedade. Nesse ponto de vista o equívoco torna-se evidente quando pensamos na necessidade do ser humano em viver em coletividade, logo, por mais atrativo que seja o pensamento de que para ser algo basta estar convicto de que se é não importa o que as outras pessoas digam ou pensem, lidamos principalmente com uma ilusão. Não basta estar convicto de que se é um Relações Públicas para, de fato, sê-lo, principalmente se não houver estudo, imersão na profissão ou experiência profissional na área. Nesse caso, o indivíduo possui apenas uma crença, ou seja, a legitimação da sociedade se faz necessária

para que a crença, a certeza interna de ser/pertencer/identificar-se realmente seja real saltando do plano do imaginário para o plano terreno, no exemplo, a legitimação social materializa-se por meio da graduação em Relações Públicas juntamente com os primeiros contatos com a respectiva área de trabalho e, por fim, o reconhecimento de que se é um profissional da área. O exemplo utilizado é pragmático ao pensar que existe um caminho lógico a percorrer até que se atinja o reconhecimento e a legitimação necessárias para ser algo, porém, ao associarmos a ideia de ser a um elemento simbólico, aumenta-se a complexidade do tema.

A consciência do eu percorre a ambivalência entre o eu e o outro, ou seja, sei que sou eu porque não posso ser qualquer outro. Assim, constitui-se o princípio de alteridade ou até mesmo outridade, significa reconhecer-se como a ti mesmo a partir da impossibilidade de ser outro, ou através dos olhos do outro. Portanto, para o processo de construção da identidade o externo, o outro, torna-se praticamente indissociável do eu tomando como base a premissa de que somos expostos ao modo como os outros indivíduos percebem o mundo, e que essa percepção a longo prazo afeta a percepção de si e do mundo enquanto eu portanto, “Para obter uma verdade qualquer sobre mim, necessário é que eu passe pelo outro. O outro é indispensável à minha existência tal como aliás ao conhecimento que eu tenho de mim” (CASALI, 2018, apud SARTRE, [1946], 1970, p. 249).

A alteridade e a construção da identidade são correlatas à medida que entendemos que o outro é fundamental porque a partir dele, forma-se também o ambiente social. O outro então influencia diretamente no processo de construção identitária pois fornece os estímulos externos necessários ao sujeito pós-moderno para a permanente formação de sua identidade.

Entendemos que o reconhecimento é imprescindível para que as identidades sejam devidamente construídas, tal reconhecimento pode ser veiculado por meio do discurso, por meio do acesso à informação e, principalmente, pela prática do respeito. Os conceitos a seguir são fundamentais ao presente estudo para que possamos compreender como algumas ideias cristalizadas podem fazer parte do repertório comum passando a exercer a função relativa à alteridade.

3 Desdobramentos Sociais dos Estereótipos

3.1 Estereótipos

Ao perceber algo diferente ao repertório de dados e referências do cotidiano comum, tal informação passará por um processo cognitivo de categorização. De acordo com estudos desenvolvidos por Allport (1954,1979), o corpo humano procura sempre a economia de energia de acordo com a lógica do menor esforço.

O estudo sobre os estereótipos ganhou destaque há cerca de 90 anos a partir das pesquisas desenvolvidas pelo analista político e comunicador Walter Lippman. Etimologicamente o termo estereótipo surgiu da palavra grega *stereo* cujo significado é “sólido” ou “firme”, usada desde 1798 para designar a chapa de metal presente nas antigas prensas tipográficas.

Assim como as chapas de metal que deram origem ao nome, os estereótipos caracterizam as representações da realidade, são ideias cristalizadas sobre tudo que se refere ao mundo além do eu. Envolvem também um modo seguro de lidar com o externo, isso porque garante a defesa de interesses, a estabilidade no entendimento do universo, bem como a manutenção do status quo (LIPPMAN, 1922).

De acordo com os estudos de Lippman (1922), os estereótipos são representações da realidade e fornecem ao ser humano informações generalizadas de modo que possa haver tempo hábil para processá-las e armazená-las sem necessariamente prender-se a elas, funcionando como mapas que ajudam a processar informações complexas, “(...) são defesas que permitem ao indivíduo proteger os seus valores, seus interesses, as suas ideologias, em suma, a sua posição numa rede de relações sociais” (CABECINHAS, 2004, p.3).

As ideias cristalizadas encontram-se presentes no imaginário coletivo pois são frequentemente introjetadas e reforçadas através do convívio em sociedade portanto, a mecânica de funcionamento de um estereótipo assemelha-se à construção de uma opinião pública. Assim sendo, basta que uma informação seja divulgada e aceita publicamente para que seja consolidada como algo verídico e condizente com a realidade.

A presença das narrativas únicas veiculadas pelos meios de comunicação tradicionais e até mesmo pelos novos meios de comunicação, considerando o efeito bolha, servem como ferramentas que impulsionam e colaboram para a manutenção dos estereótipos porque sua ação, pensando exclusivamente sobre a capacidade do ser humano de seleção, interpretação, memorização, recuperação e uso da informação (CABECINHAS, 2004), segue a base de funcionamento de uma das primeiras teorias da comunicação, a

Teoria da Agulha Hipodérmica ou Teoria da Bala Mágica. Por exemplo, existem certas regiões em países no continente africano que sofrem com condições de extrema miséria e diversos outros problemas sociais, essa necessidade real por assistência e auxílio mundial gerou a veiculação massiva de informações criando narrativas especificamente sobre essa questão, originando o estereótipo de que o continente inteiro apresenta as mesmas condições, o que é um equívoco. Ou seja, a veiculação da mesma narrativa contendo uma determinada mensagem, repetidamente e em diversos meios de comunicação, resulta numa generalização exagerada da realidade, significa a criação ou ao menos a manutenção de um estereótipo.

A partir de Lippman (1922) entendemos que os estereótipos são imagens mentais que funcionam como um véu estabelecido entre a mente e a realidade no qual é possível haver incompatibilidade entre ambos.

Pela forma como o estereótipo constrói-se e consolida-se no imaginário coletivo notamos que a desconstrução trata-se de um processo lento e minucioso. A partir dos estudos de Allport (1954,1979), assim como os estudos desenvolvidos por Lippman (1922), os estereótipos são decorrentes de um processo intimamente atrelado ao modo como a mente humana recebe a informação. Isto posto, podemos entendê-lo como algo natural ao comportamento cognitivo. Estudos sobre Psicologia Social desenvolvidos por Bruner e Tagiura (1954) introduziram o que chamamos de “cognição social”, expressão usada para designar a percepção de pessoas. Não obstante, se o estereótipo existe porque a mente humana busca formas estáveis de compreender a realidade, logo podemos inferir que há uma forma de resistência a tudo aquilo que possa escapar à imagem mental pré estabelecida sobre algo, Lippman (1922) denominou tal resistência como “profecias auto-confirmatórias”. Por exemplo, se um sujeito ligado a determinado grupo porventura não manifesta as características responsáveis por definir seu grupo de pertença - baseado no estereótipo - automaticamente ele é considerado uma exceção àquele grupo de modo que, apesar de haver incongruências entre a imagem mental pré estabelecida e a realidade, exclui-se toda informação e percepção consideradas diferentes para que o estereótipo possa permanecer intacto, ou seja, o grupo permanece estereotipado enquanto o indivíduo que foge ao estereótipo é compreendido como a exceção. Outro modo de defesa da própria concepção de realidade e dos estereótipos encontra-se em forma de micro-agressões expressadas verbalmente ou através de atos simbólicos, numa tentativa de restabelecer a ordem. Além disso, a generalização decorrente dos estereótipos atua sobretudo como um modo de negar a individualidade de pessoas pertencentes a grupos diferentes.

Pelos fatos mencionados, Lippman (1922) estabelece que a desconstrução dos estereótipos e rótulos sociais requer dentre outras medidas, principalmente uma longa educação crítica para que as diferenças sejam devidamente compreendidas e respeitadas. No entanto, destaca que não é possível fugir à produção de estereótipos enquanto processo natural de cognição de informações.

3.2 A Construção histórica do Feminino

A noção do feminino como a conhecemos atualmente é produto de uma construção cuja origem podemos instaurar no século XIX a partir do registro e representação androcêntrica da história da humanidade, sendo escrita de homens para homens e lida como universal. Oculta e invisível enquanto sujeito, a mulher definiu-se às margens dessa história.

Podemos estabelecer um paralelo entre a história das mulheres e a pós-modernidade a partir do momento em que a noção de descentralização do sujeito moderno entra em evidência no âmbito sociológico, compreendendo a formação da identidade do indivíduo como um conjunto de características formadoras do “eu” assim sendo, formadoras de sua identidade. Se o sujeito é formado por características diferentes as quais dependem de fatores como a subjetividade interna, a alteridade e o ambiente social, podemos concluir que a noção acerca do feminino trata-se igualmente de uma construção (BEAUVOIR, 1970). Assim, há também teorias que sugerem a descentralização do sujeito moderno para que seja possível situá-lo de acordo com fatores relativos à raça, classe, sexo entre outros, onde situar significa reconhecer como se deu sua construção e, dali em diante, sugerir novas noções e alternativas para a subjetividade (COLLING; STREY et al. 2004, apud HUTCHEON, 1991). Permite-nos entender também que a história tida como construção é o produto de desejos e interpretações, sobretudo masculinos, de representações cujo foco central são as relações de poder.

Isto posto, podemos pensar no porquê das mulheres, durante muitos anos, terem interiorizado e aceitado as diferenças sociais entre os gêneros. Por um lado, a mulher que ocupa o lugar que a ela foi previamente reservado, não sofre com a angústia da liberdade tampouco a pressão para transcender, ou seja, encontra segurança e conforto, pois não se depara com nenhuma manifestação de resistência social (BEAUVOIR, 1970). Há uma infinidade de registros feitos por homens das mais diversas áreas do saber cujos argumentos constróem-se a partir da figura da mulher para com a qual a sociedade deve ser grata e respeitosa, elevadas ao patamar de rainhas e deusas — cujos aspectos de

fragilidade e pureza são frequentemente evidenciados —, desde que sejam capazes de cumprir suas responsabilidades como mães e esposas exemplares, caso contrário, são caracterizadas como más ou loucas. Verificamos que em tais discursos existe a pressão criada por vias de construção social para que a mulher se enquadre o melhor possível em seus locais historicamente reservados, devidamente pré-estabelecidos. Por outro lado, às mulheres que recusam-se a compactuar com tais ideais e de alguma maneira transcendem, característica atribuída aos homens, (BEAUVOIR, 1970) resta-lhes a ameaça, a dúvida quanto às suas faculdades mentais.

Uma vez que a base para a construção social do feminino encontra-se principalmente vinculada à linguagem e ao registro histórico, a análise de discurso trata-se do objeto essencial no estudo da história das mulheres. Partimos do fato de que as representações da inferioridade feminina bem como a oposição entre o feminino/masculino repetidas nos discursos são inscritos nos pensamentos de homens e mulheres. Além da interiorização, é possível pensarmos nas estruturas de dominação que promovem a manutenção desses discursos, pois

(...) que parte atribuir na dominação masculina à dominação simbólica, que supõe a adesão das próprias dominadas às categorias e traçados que alicerçam a sua sujeição? (...) Só triunfa na medida em que aquele (a) que a sofre contribui para a sua eficácia; só o(a) coage na medida em que ele (ela) foi predisposto(a) por uma aprendizagem preliminar a *reconhecê-la*. (CHARTIER, {1995} apud COLLING; STREY et al. 2004, p.19).

Como mencionado por Roger Chartier (1995) um dos fatores responsáveis por consolidar a construção do feminino, limitando a mulher ao papel social historicamente construído a partir do ponto de vista masculino, refere-se à adesão do oprimido aos ideais estabelecidos pelo opressor, isso ocorre por intermédio da ação do que conhecemos como violência simbólica.

De acordo com Pierre Bourdieu (2012), para compreender o percurso da história das mulheres e a dimensão dos efeitos da construção social, não basta ser do sexo feminino, pois implicaria o explanar de uma visão marcada pela dominação e pela colonização do masculino. Nesse caso, a mulher seria incapaz de enxergar a si própria livre das marcas de uma violência que atua no campo simbólico das relações.

A violência simbólica enquanto estrutura de dominação pode ser definida como situações ou comportamentos nos quais sentimentos como desprezo, inferioridade e sobretudo pressão, revelam um tipo de violência naturalizada. A naturalidade presente na prática desse tipo de violência surge na medida em que o oprimido não percebe tais

situações como violentas e, frequentemente, as reproduz (BOURDIEU, 2012). Embora distantes no tempo, tais atos simbólicos promovem o que o filósofo John Stuart Mill chamou de Sujeição das Mulheres, teoria na qual as relações entre os sexos surgem hierarquizadas e o homem detém o poder legitimando-o por meio do discurso com fundamentos mitológicos, religiosos, ideológicos, filosóficos ou científicos (COLLING; STREY et al., 2004, apud MILL, 1869) gerando um ambiente propício para que tal tipo de violência ainda hoje mantenha-se ativa. Porque naturalizada, a violência simbólica é dificilmente combatida pois não é vista e muito menos crível no que se refere ao senso comum — salvo em situações em que sua existência é conhecida.

Lembramos também que a base da sociedade civil é permeada historicamente pelo conceito do que conhecemos como patriarcado, em que valores morais, jurídicos e políticos são fomentados em torno da figura paterna e do homem. O patriarcado consiste em um modelo de organização social no qual a figura masculina prevalece como superior à figura feminina. Dentro desse modelo, a mulher é comumente entendida como o Outro do homem, retirando-se a consciência como sujeito, conseqüentemente, reduzindo-se à condição de objeto (BEAUVOIR, 1970). Uma vez entendida como objeto, cabe à mulher a esfera privada do convívio social, deste modo, encarregada do cuidado com a família e atividades domésticas - tidas como de menor valor para a sociedade - de certa forma vivendo sempre à sombra do que seria a transcendência, aspecto considerado de natureza masculina vivenciada principalmente na esfera pública, local historicamente reservado aos homens.

O poder patriarcal se expressa diretamente na ordenação legislativa que justifica a desigualdade. Este poder que resiste durante séculos produz saber e transforma-se numa ação normalizadora sutil do poder. Os papéis sexuais, tanto masculinos quanto femininos, são produtos na configuração do poder, são lugares ocupados numa situação estratégica complexa, que dotam o masculino de um maior exercício de poder que a mulher. (COLLING; STREY et al., 2004, p. 21).

Atualmente o patriarcado não se faz tão evidente em âmbito jurídico relacionado aos direitos das mulheres porém, é notável a presença de resquícios simbólicos nas relações sociais. O patriarcado mantém-se vivo porque de certa forma encontra apoio através do exercício da violência simbólica responsável também por naturalizar desigualdades como por exemplo, a distribuição de tarefas domésticas atribuída como função essencialmente feminina, a dupla jornada presente no cuidado com a família e o exercício da carreira

profissional, salários inferiores, além de outras manifestações da dominação masculina sobre as mulheres.

O cenário penoso no qual as mulheres convivem diariamente pode ser combatido a partir dos meios concretos de união. De acordo com Beauvoir (1970), as mulheres encontram-se dispersas no cenário social, isso significa que não há qualquer vínculo que as façam unir-se, vulnerabilizando-as, facilitando a prática de quaisquer tipos de violência simbólica ou física. Através da sororidade, as mulheres podem reconhecer-se como iguais unindo-se para trabalhar maneiras mais efetivas de combater os tipos de violência decorrentes do patriarcado, buscando principalmente um ideal de sociedade igualitário entre gêneros.

Compreendidos os conceitos de identidade, alteridade, estereótipos e a construção do feminino, é possível focarmos no modo pelo qual estabelecem relação entre si conforme os capítulos a seguir.

3.3 Interseccionalidade

Para que possamos entender como algumas situações referentes à interseccionalidade acontecem no cotidiano, é necessário antes definirmos o que é necessariamente a interseccionalidade. De acordo com Crenshaw (2002), a interseccionalidade é uma conceituação que busca evidenciar o contato entre dois ou mais eixos dinâmicos de subordinação presentes no modo como se desenvolvem as relações sociais. Entendemos a interseccionalidade como o ponto de encontro em que as diversas identidades de um indivíduo colocam-se como responsáveis pelo modo como ele é visto socialmente mas também como passíveis a sofrer qualquer tipo de reação ou agressão de modo acumulativo. Em outras palavras, a interseccionalidade busca compreender até que ponto a discriminação ou um tipo de violência encontra-se atrelado somente a uma característica, seja de gênero, raça, classe entre outros. Trata-se da forma pela qual sistemas discriminatórios como o racismo, a opressão de classe, sexismo e outros sistemas criam desigualdades básicas resultando no desempoderamento do indivíduo e do grupo,

Assim como é verdadeiro o fato de que todas as mulheres estão, de algum modo, sujeitas ao peso da discriminação de gênero, também é verdade que outros fatores relacionados às suas identidades sociais tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, são "diferenças que fazem diferença" na forma como várias mulheres vivenciam a

discriminação. Tais elementos diferenciais podem criar problemas e vulnerabilidades exclusivos de subgrupos específicos de mulheres ou que afetem desproporcionalmente apenas algumas mulheres. (CRENSHAW, 2002, p.3).

Em seus estudos, Crenshaw (2002) identifica dois modos pelos quais é difícil classificar uma dada situação como interseccional, o primeiro deles possui efeito de superinclusão enquanto o segundo possui efeito de subinclusão. A superinclusão é caracterizada quando um problema específico relativo a um subgrupo de mulheres é colocado como um problema de mulheres, ignorando o poder de influência que o racismo, a classe social, entre outros fatores de opressão podem exercer sobre tal problema. A abordagem por superinclusão frequentemente atua de maneira a generalizar uma causa ou problema, retirando suas particularidades e, conseqüentemente, impedindo que uma análise efetiva seja feita bem como criando soluções que nem sempre serão eficazes. Já em relação à subinclusão acontece o efeito oposto à superinclusão, podendo ser caracterizado quando um problema cuja característica predominante sobrepõe-se frente às particularidades. No caso da subinclusão podemos citar como exemplo a questão dos genocídios em Ruanda onde mulheres foram estupradas e mutiladas durante os conflitos motivados por questões étnicas. Os abusos foram considerados um ataque a honra do grupo assim como uma violência contra as próprias mulheres. De acordo com Radhika Coomaraswamy, Relatora Especial das Nações Unidas, as mulheres são alvos especiais desse tipo de violência por serem consideradas simbolicamente como as representantes da honra e da cultura do grupo e, biologicamente, como as guardiãs genéticas de sua raça. Os genocídios em Ruanda foram classificados por motivação étnica porém, a violência contra as mulheres utilizada como um tipo de estratégia de dominação e ataque ao grupo rival não obteve atenção suficiente, embora pudesse também ser classificado como um ataque ao gênero. Portanto, na abordagem superinclusiva à diferença, torna um conjunto de outros problemas invisível enquanto na abordagem subinclusiva a própria diferença é invisível (CRENSHAW, 2002).

Sob a perspectiva de Crenshaw (2002), a interseccionalidade pode ainda ser subdividida em interseccionalidade política, referente a políticas governamentais, ações e leis que visam a combater separadamente um tipo de violência mas que por vezes é incapaz de contemplar as questões relativas à interseccionalidade. Podemos citar como exemplo, as políticas feministas ou as políticas antirracistas as quais indiretamente marginalizam a questão específica da violência contra mulheres racializadas (HIRATA, 2014).

A discriminação interseccional é particularmente difícil de ser identificada em contextos onde forças econômicas, culturais e sociais silenciosamente moldam o pano de fundo, de forma a colocar as mulheres em uma posição onde acabam sendo afetadas por outros sistemas de subordinação. Por ser tão comum, a ponto de parecer um fato da vida, natural ou pelo menos imutável, esse pano de fundo (estrutural) é, muitas vezes, invisível. O efeito disso é que somente o aspecto mais imediato da discriminação é percebido, enquanto que a estrutura que coloca as mulheres na posição de receberem tal subordinação permanece obscurecida. Como resultado, a discriminação em questão poderia ser vista simplesmente como sexista (se existir uma estrutura racial como pano de fundo) ou racista (se existir uma estrutura de gênero como pano de fundo). Para apreender a discriminação como um problema interseccional, as dimensões raciais ou de gênero, que são parte da estrutura, teriam de ser colocadas em primeiro plano, como fatores que contribuem para a produção da subordinação. (CRENSHAW, 2002, p.6).

3.4 Consustancialidade das Relações Sociais

Na década de 1970, paralelamente aos estudos de Crenshaw, surgiu uma perspectiva cuja lógica de pensamento contrapunha-se à estruturação proposta pela Interseccionalidade divergindo principalmente no modo de compreensão da realidade. Nos estudos de Crenshaw (2002) o foco principal convergia entre os fatores raça e gênero, enquanto na perspectiva presente nos estudos de Kergoat (1978,1984) os critérios utilizados eram classe social e gênero, posteriormente adicionando raça como um critério ao campo de pesquisa. Ambas as perspectivas partem da premissa de não hierarquização das formas de opressão.

A preocupação de Kergoat (2010) ao desenvolver seus estudos, direcionava-se especialmente à complexidade das interações relativas às três categorias de relações sociais fundamentais, gênero, classe social e raça.

Estabelecer o que são as relações sociais é fundamental para que possamos compreender a essência teórica da consustancialidade. Tal perspectiva baseia-se na definição de relações sociais como a relação antagônica e abstrata entre dois grupos sociais estabelecidos por uma disputa portanto, são relações primordialmente conflituosas cuja manifestação estrutura-se em: exploração, dominação e opressão.

Dentro da Consustancialidade das Relações Sociais, há ainda as relações intersubjetivas definidas como sendo as relações próprias entre os indivíduos concretos entre os quais se estabelecem. Em outras palavras, as relações intersubjetivas são

manifestações comportamentais entre os indivíduos, os quais, apesar de fáceis de modificar, nem sempre são capazes de mudar a estrutura das relações sociais, sendo as manifestações mais superficiais entre as relações.

De acordo com Kergoat (2010), a consubstancialidade implica numa forma de leitura da realidade social, sendo o entrecruzamento dinâmico e complexo das relações sociais,

É certo que, colocadas desta maneira, em termos de “ou isso/ou aquilo”, elas parecem levar a um impasse. Colocar o problema nos termos da consubstancialidade das relações sociais permite uma outra abordagem: de acordo com uma configuração dada de relações sociais, o gênero (ou a classe, a raça) será — ou não será — unificador. Mas ele não é em si fonte de antagonismo ou solidariedade. Nenhuma relação social é primordial ou tem prioridade sobre outra. Ou seja, não há contradições principais e contradições secundárias. (KERGOAT, 2010, p.99).

A perspectiva da consubstancialidade, diferentemente da interseccionalidade, busca analisar os problemas de acordo com as relações sociais, colocando-as como intrínsecas umas às outras, envolvidas numa produção mútua e dinâmica. Conforme o conceito de coextensividade (KERGOAT, 2010). Podemos entendê-la também como uma maneira holística de compreensão dos problemas, pois não separa as características em critérios específicos avaliando-os separadamente ou em pontos de encontro que ora ou outra interceptam-se.

Embora a consubstancialidade parta de um ponto de vista complexo, isso não impede que existam contradições durante a análise. Nesse caso, percebemos que a observação do problema deve ser feita de modo a conseguir enxergar como os cruzamentos e interpenetrações das relações sociais apresentam-se como se fossem pequenas amarrações no interior de um grupo ou subgrupos.

4 Discurso e Relações Públicas

4.1 Discurso

O Discurso é o efeito de sentidos entre interlocutores, refere-se à palavra em curso. Para podermos pensar sobre o uso do Discurso e como ele costuma aplicar-se à vida. Primeiramente é importante saber que as palavras não são necessariamente nossas, as palavras significam pela história e pela língua, somente deste modo o diálogo torna-se viável. Ao viajar para um país cuja língua materna seja diferente da língua que um dos interlocutores está habituado ou diferente da língua falada em seu país de origem, surge uma barreira linguística capaz de afetar toda a experiência social do indivíduo nesse lugar. A comunicação é o primeiro passo para a socialização de qualquer pessoa inserida em um novo local pois através do uso da linguagem o estabelecimento de vínculos torna-se mais fácil.

Um caso frequente dentro do processo de comunicação é a não compreensão do que foi dito em relação à escolha das palavras para montar a frase ou explicar a ideia que deseja-se transmitir. Isso acontece porque há a ação do interdiscurso dentro do processo de comunicação. O interdiscurso refere-se principalmente ao ato de como dizer algo e como isso afeta o interlocutor que receberá a informação, ou seja, como o receptor recebe a mensagem que o emissor deseja enviar. A princípio, trata-se de uma dinâmica básica e óbvia, os dois interlocutores dominam a língua usada para comunicar-se e todos os recursos inerentes a ela. Porém, o que Orlandi (1988) chama de *“já-dito”*, refere-se ao fato de que nem sempre uma mensagem possui o mesmo significado para ambos os interlocutores. Nesse caso, a subjetividade torna-se extremamente importante.

Cada indivíduo faz uso de suas faculdades mentais e todo o seu histórico de vida para interpretar as informações presentes em seu cotidiano. Deste modo, o fator subjetividade pode influenciar diretamente na maneira como o indivíduo relaciona-se com a linguagem. Não é porque uma palavra tem seu significado muito bem definido que os usuários da língua não possam de certa forma “apropriar-se” e ressignificá-la dentro de um contexto. Tomar uma palavra e ressignificá-la expressa em linhas gerais como funciona o interdiscurso. O interdiscurso remete não somente ao significado particular ao indivíduo inserido num determinado contexto assim como também coloca em evidência o cunho histórico, social, ideológico, pertinente à produção de sentidos.

Todo enunciado, dirá M. Pecheux (1990) é linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possíveis oferecendo lugar à interpretação. Ele é sempre suscetível de ser/tornar-se outro. Esse lugar do

outro enunciado é o lugar da interpretação, da manifestação do inconsciente e da ideologia na produção de sentidos e na constituição dos sujeitos. É também em relação à interpretação que podemos considerar o interdiscurso no exterior como alteridade discursiva “é porque há o outro nas sociedades e na história diz M Pecheux (1990) correspondente a este outro linguajeiro discursivo que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, abrindo a possibilidade de interpretar (...). (ORLANDI, 1988, p. 59).

Uma vez estabelecido o que é o discurso, é importante pensarmos sobre quais são as condições para que o Discurso se desenvolva. De acordo com Orlandi (1988) existem três condições para que o Discurso aconteça, uma delas remete às *Relações de Sentidos*. Nesse caso, quando uma pessoa diz algo, é preciso imaginar como se a frase ou palavra fosse o elemento central de um diagrama no qual existem diversas ramificações dado que não há discurso que não se relacione a outros discursos. Interligados, o Discurso não possui um começo, meio e fim, move-se naturalmente o pensamento para o próximo Discurso, passando de ideia em ideia sem necessariamente um fim.

Outra condição importante para que o discurso exista diz respeito à *Antecipação*. Assim como o próprio nome diz, a antecipação ocorre quando o interlocutor decide qual a melhor maneira para dizer o que deseja, ou seja, qual a melhor escolha de palavras para expressar a ideia que será transmitida, independentemente da relação que há com o outro interlocutor, se receberá a mensagem de maneira mais amigável e compreensiva ou até mesmo prevendo que o interlocutor possa rejeitá-la totalmente de forma pouco amigável. O profissional de comunicação frequentemente utiliza dessa condição para desenvolver a mensagem que será transmitida, premeditando inclusive o efeito que tal mensagem poderá causar.

A última condição para que o Discurso aconteça são as *Relações de Força*, que pode também ser traduzida como o lugar de fala. As Relações de força podem ser pensadas como a posição tomada por aquele que fala, não exatamente o que ele diz, é claro que a mensagem tem sua importância porém, quem fala torna-se ainda mais relevante. Por exemplo, quando em ambiente profissional cuja hierarquia é muito sólida e bem definida na qual o emissor da mensagem ocupa um cargo superior ao cargo ocupado pelo interlocutor, o que este emissor diz obrigatoriamente exigirá maior atenção do que o que for dito por um colega - dada uma situação em que o colega e o indivíduo de cargo superior decidem falar simultaneamente - mesmo que ambos digam exatamente a mesma coisa. Em outras palavras, é o lugar de fala que determinará quem será escutado, quem diz o que a quem.

As condições necessárias para que o Discurso exista são também mecanismos baseados no que Orlandi (1988) define como *formações imaginárias*. Os discursos acontecem a partir da posição do sujeito na fala, referindo-se às imagens produzidas pelo que é dito e a projeção resultante dessa relação. A projeção faz com que o sujeito seja deslocado do seu lugar empírico na sociedade passando à posição de fala, logo, é possível identificar esse deslocamento quando, por exemplo, o operário assume o discurso do patrão. Ao pensar a questão de acordo com o lugar empírico em que o operário assume na sociedade, à primeira vista, seria lógico pensar que estaria de acordo com as pautas principais causas operárias, porém, as formações imaginárias e o próprio discurso tornam possível que o operário partilhe da mesma posição ideológica que o patrão.

A ideologia é o elemento que garante a existência do sujeito. Nesse sentido, o indivíduo só pode dispor da condição de sujeito enquanto houver relação com a linguagem e com a história. Por exemplo, alguém que acaba de nascer ainda não possui relação formada com a linguagem nem uma formação histórica, pois a comunicação acontece de forma muito precária nessa fase, exclusivamente por estímulos primários. À medida que a criança passa a adaptar-se à forma mais sofisticada de comunicação, aprendendo as primeiras palavras e como organizá-las de forma a expressar-se com coerência, inicia-se a construção de sua própria realidade, ao passo em que inscreve-se na história. Inscrever-se na história não significa somente dar seus primeiros passos em relação ao futuro, mas começar a juntar memórias que lhe sejam significativas do estabelecimento das relações constitutivas de sua realidade sobretudo a partir do olhar do outro.

A ideologia, por sua vez, nesse modo de a conceber, não é vista como o conjunto de representações, como visão de mundo ou como ocultação da realidade. Não há aliás, realidade sem ideologia. Enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido. E como não há uma relação termo-a-termo com a linguagem/mundo/pensamento, essa relação torna-se possível porque a ideologia intervém com seu modo de funcionamento imaginário. São assim que as imagens permitem que as palavras colem com as coisas. Por outro lado, também como dissemos, é a ideologia que faz com que hajam sujeitos. O efeito ideológico elementar é a constituição do sujeito. Pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito inaugura-se a discursividade. (ORLANDI, 1988, p. 48).

Observamos como a linguagem e a história influenciam diretamente o processo de construção da identidade do sujeito e da realidade que o cerca. Nesse caso, por exemplo é

plausível citar como certas palavras presentes em nosso vocabulário - quando aplicadas em sentido conotativo - como sendo apenas um termo inofensivo, para alguns grupos remete a acontecimentos que marcaram a história e estão repletos de significados negativos. A linguagem possui em sua essência caráter simbólico e por ser naturalmente intangível, torna-se particularmente difícil provar concretamente o dano causado aos grupos os quais direciona-se o uso de tais termos pois, o campo simbólico é também complexo em sua essência. Assim, num diálogo entre duas pessoas nem sempre a mesma palavra ou expressão significará para o interlocutor A a mesma coisa que significa para o interlocutor B. A questão a ser tratada com maior atenção refere-se justamente ao fato de como a linguagem muitas vezes liberta, mas torna-se uma barreira na vida de pessoas que buscam seu lugar de fala e exigem ser ouvidas, buscando seu lugar na sociedade enquanto sujeitos.

Atravessado pela história e pela linguagem, sob o modo do imaginário, o sujeito só tem acesso a parte do que diz. Ele é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história pois para se constituir para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, ele não produz sentidos. (ORLANDI, 1988, p.49).

Trata-se do paradoxo da linguagem na qual o indivíduo não é dono da palavra, embora a utilize para conseguir expressar-se e de certa forma libertar-se, mas são prisioneiros das normas e regras que a própria linguagem impõem ao uso, padronizando-se.

4.2 Discurso, Relações Públicas e Diversidade

Há algumas décadas, a comunicação desenvolvia-se respeitando o modelo presente na teoria clássica da comunicação em que havia apenas o emissor, a mensagem e o receptor, promovida a partir dos meios tradicionais de comunicação, televisão, rádio, editoriais como revistas e jornais.

O advento da tecnologia proporcionou uma verdadeira revolução nos meios de comunicação e no comunicar. Castells (2001) afirma que o início da internet se deu na década de 1960, por iniciativa militar em conjunto com a comunidade científica, pois esta última era pressionada para mobilizar recursos com o objetivo de financiar pesquisas e manter os Estados Unidos à frente da União Soviética no ramo científico. Não muito tempo depois criou-se uma rede de comunicação por computadores em 1969, o que gerou uma

comunidade de cientistas e hackers na década de 1970. Contudo, para empresas e sociedade civil, a internet só surgiu em 1995 quando foi privatizada e disponibilizada para o uso de qualquer pessoa que possuísse tanto o equipamento que intermediasse essa interação, quanto o conhecimento exigido para tal manuseio. Assim, a internet nasceu da improvável intersecção entre iniciativa do ramo acadêmico, pesquisa militar e cultura libertária.

Desde então, a rede digital evoluiu do que a comunidade científica chama de web 2.0 com toda a comunicação em pontos de conexão de alcance global para a web 3.0 com o desenvolvimento das mídias sociais entre as quais estão Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram, YouTube e muitas outras.

Novamente pensando em um passado não tão distante, ter um aparelho de telefone celular era um luxo reservado para poucos, geralmente o público que os utilizava eram profissionais que precisavam estar disponíveis para serem contatados com a maior rapidez possível, nesse sentido, o consumo deste tipo de produto ocorria somente por pequenas parcelas da população. Assim como o design e a utilidade, os telefones celulares mudaram nas últimas décadas, o próprio estilo de vida que os indivíduos de grandes cidades ao redor do mundo levam em 2019 também mudou. Hoje, de acordo com dados do relatório da GSMA (2018), associação que reúne a indústria e organiza o World Mobile Congress, o número de pessoas que adotam o uso do telefone celular aproxima-se de 5 bilhões numa população mundial de cerca de 7,7 bilhões de pessoas, dos quais 3,3 bilhões utilizam o aparelho para acessar a internet e estima-se que até 2025 esse número atingirá os 5 bilhões. Além dos smartphones, há também microcomputadores, tablets, notebooks, smartwatches entre outros aparelhos digitais, dos quais 51,2% da população mundial se utilizam para acessar a internet.

A tecnologia digital já está tão sincronizada com a vida pessoal e profissional. Tornou-se difícil sequer imaginar como seria a realidade atual se não existissem. Assim sendo, foram responsáveis por modificar certos paradigmas da comunicação.

Nesse contexto, entendemos que qualquer pessoa em posse de um aparelho com conexão à internet tornou-se potencial emissor de informações. A comunicação passou a ser instantânea e as distâncias físicas aparentemente foram superadas. Se todos podem ter voz e manifestar o que pensam, sejam pensamentos livres ou pensamentos impregnados por uma série de discursos preconceituosos, tais pensamentos serão capazes de circular livremente dependendo do canal de comunicação utilizado.

Hoje, podemos afirmar que o ciberespaço tornou-se espaço preenchido pela polifonia no qual é possível refletir sobre o nível de influência que os conteúdos presentes nas redes

digitais têm no espaço real, o offline. A troca de experiências tornou-se natural chegando ao ponto em que a ordem de ação age como um sistema vivo ora, acontecendo primeiro no offline e reverberando no online, ora acontecendo primeiro no online e atingindo o offline. Não obstante, a arquitetura digital pôde unir pessoas que estão fisicamente distantes em torno de alguma ideia comum, mobilizando-as, mas também sendo capazes de criar grupos muito bem estruturados em torno de suas próprias convicções e que não estão dispostos a dialogar com outros grupos. Se por um lado o que se tem são vozes de grupos minoritários que encontraram no ambiente digital uma maneira de dar visibilidade às suas inquietações, por outro lado tem-se grupos conservadores que defendem o status quo tal como se conhece e privilegia alguns em detrimento de outros. Nesse sentido, espaços dedicados à auto-aceitação e compartilhamento de histórias de vida como o Projeto Asiaticque vão muito além de somente gerar o debate e a conscientização no plano digital, possuem em si, uma responsabilidade para ação política transformadora quando ultrapassam as telas e reflete na vida de mulheres que modificaram suas realidades porque conseguiram pensar de modo diferente.

O ambiente digital tornou-se uma extensão do ambiente real onde a disputa entre os discursos progressistas de grupos minoritários fazem frente aos discursos conservadores e discursos de ódio presentes nas mídias sociais. Dentre os aspectos mais relevantes na problemática das disputas de discurso está a incapacidade de alguns grupos estabelecerem diálogo por meio do uso de argumentos fortes e coerentes que sustentem seus pontos de vista, postura adotada principalmente por indivíduos que disseminam o discurso de ódio ou discursos permeados por estereótipos. Percebemos que muito do que é dito por tais pessoas é baseado numa mistura de preconceito e ignorância - fatores essenciais para a ação dos estereótipos - tendo em vista ausência de repertório sobre diversidade. Se por um lado há uma variedade de informações que em vez de ajudar acabam confundindo os menos experientes no uso das redes digitais. Por outro lado, há a mídia tradicional preocupada em engajar-se com as pautas a favor da diversidade, obviamente, para poder lucrar, seguindo uma tendência ideológica. Estamos diante de um cenário onde há a influência de uma rede digital que supostamente cria um ambiente favorável ao debate e uma mídia tradicional preocupada em não perder espaço para a internet. No meio digital encontramos grupos ideológicos agindo como ímãs atraindo os simpatizantes de suas ideologias, enquanto afastam aqueles que não concordam com tal posicionamento e que possivelmente encontrarão outras bolhas ideológicas que estejam de acordo com suas ideias. Partindo desse pressuposto, não há diálogo algum enquanto cada um estiver na sua respectiva bolha.

Pensando de acordo com a perspectiva comunicativa, seria interessante que houvesse ações de conscientização a respeito da importância da diversidade dentro das organizações a começar por setores de recursos humanos e de comunicação para que pudessem trabalhar o tema por meio de folders, palestras, rodas de conversa ou produções culturais, com a finalidade de provocar nas pessoas o interesse em procurar saber mais sobre outras culturas, etnias, favorecendo o combate ao preconceito e à ignorância. Dada tamanha variedade de empresas multinacionais atuando no Brasil, por que não conversar sobre diversidade?

Diante de uma realidade cuja comunicação tornou-se complexa, o papel do Relações Públicas

(...) assemelha-se a uma membrana ou uma pele - mais que separar dois universos juntos em um novo organismo e em uma nova identidade simbiótica, o papel da membrana é fazer a interface entre as realidades distintas, ou seja, o de permitir a interação ativa delas (RIBEIRO, 2018, apud DI FELICI, 2007, p. 43).

Desta forma, podemos dizer que o profissional de Relações Públicas é, antes de tudo, capaz de mediar a comunicação política, econômica, cultural ou comunitária.

Uma vez que os diretores são os responsáveis por aprovar ou rejeitar quaisquer tipos de práticas organizacionais, o Relações Públicas, em parceria com as instituições voltadas para a comunicação empresarial, tais como a Aberje, poderiam desenvolver palestras gratuitas ou pagas para introduzi-los à importância do debate sobre a diversidade também em âmbito organizacional. O debate dentro das organizações é uma forma de interação entre o ambiente real e o ambiente digital quando pensamos em extrapolar bolhas ideológicas presentes em âmbito digital ao apresentar novas perspectivas no ambiente real. Por meio de pequenas ações, os profissionais de Relações Públicas e as organizações são capazes de desenvolver seu papel político e de responsabilidade social empresarial respectivamente.

Entendemos que a existência de espaços digitais dedicados a explorar questões sobre a diversidade permitem que a porta se abra para o debate dando voz - no caso do Projeto Asiatic - a mulheres de ascendência asiática amarela, asiática marrom e ascendência interétnica, somente através da igualdade de vozes é possível que haja deliberação (LUBENOW, 2007 apud HABERMAS, 1968). De acordo com Audrey Azoulay (2019), diretora geral da UNESCO, verifica-se que no cerne de um rico patrimônio imaterial, a diversidade é um recurso para o desenvolvimento, mas também para o diálogo, a

reconciliação e a resiliência - pois em tempos desafiadores é necessário manifestar-se em prol do valor e do poder da diversidade cultural.

5 Metodologia

Uma vez que o objeto de pesquisa do presente trabalho trata-se de uma página pertencente à uma plataforma digital conhecida como rede social, para a escolha das metodologias usadas consideramos a composição do material, dividindo-o em duas categorias: imagem e linguagem escrita. Identificamos a necessidade de utilizar duas metodologias distintas de modo que fosse possível efetuar a análise do objeto, respeitando sua complexidade.

O recorte da amostra foi feito com base na quantidade total de postagens cerca de 114 até o momento em que a análise foi realizada, das quais selecionamos aproximadamente 10 postagens, valor correspondente à 8,7% do total de imagens. O recorte temporal foi feito de Outubro de 2018 a Outubro de 2019 e as imagens foram selecionadas aleatoriamente.

5.1 Análise de discurso

Neste estudo, utilizamos a análise de discurso buscando compreender como o indivíduo usa a linguagem para poder expressar sua ideologia e seu entendimento do mundo enquanto sujeito da ação social.

A análise de discurso inglesa foi utilizada para efetuarmos a interpretação da linguagem escrita presente nas postagens. Tal modelo é caracterizado por dar ênfase no papel ativo do sujeito o qual usa pragmaticamente as palavras para fazer coisas, podendo o sujeito também ser compreendido como aquele que usa a razão visando certos fins. Resulta na identificação da pessoa que conduz a narrativa dos acontecimentos (Manhães, 2005).

A análise foi feita a partir dos seguintes critérios propostos por Manhães (2005) nos quais focamos em:

a. Conversação: Nesse caso verifica-se se a mensagem é inteligível, para emissores, receptores e interlocutores. Deve fazer sentido para o contexto social por isso deve obedecer regras e procedimentos linguísticos;

a.1. Pressupostos: São as relações de sentidos presentes em determinados grupos sociais que se incorporam numa linguagem tornando-se elementos constitutivos do significado. Por exemplo, uso de gírias e neologismos.

a.2. Implícitos: São instrumentos que viabilizam a interação usados por determinados grupos sociais tornando-se elementos constitutivos de significado para situações específicas as quais dependem do contexto.

b. Indicadores do discurso: Por meio dos indicadores de discurso é possível notar a presença do sujeito e o modo como foi construído o enunciado.

b.1. Indicador de pessoa: identificação de pronomes;

b.2. Indicadores de tempo e espaço.

c. Ação: É a instância que define que toda comunicação, trata-se ao mesmo tempo de uma ação simbólica e social. A desconstrução do discurso a partir da análise da ação resulta na identificação de quem fala, ou a pessoa que ocupa a posição de sujeito além do objetivo de sua fala.

c.1. Atos de Fala: Revelam as intenções imediatas. Por exemplo: pedidos, ordens etc.;

c.2. Atos locutórios: Revelam o tipo de fala sendo as estruturas que constituem intenções. Por exemplo: afirmativas, imperativas, interrogativas etc.;

c.3. Atos Ilocutórios: É o domínio do ato de fala vinculado ao contexto e à situação social.

c.4. Atos Perlocutórios: É o domínio do ato de fala vinculado à performance e à atuação ou representação de um papel de social.

5.2 Análise da Imagem

Uma vez que o objeto de pesquisa tem como seus principais fatores constituintes a imagem e o relato de experiências de vida, entendemos a análise da imagem como um dos modelos de metodologias necessários ao estudo.

O ato de perceber imagens é um dos modos mais conhecidos de interação entre o ser humano e o mundo. Nesse sentido, podemos dizer que a análise de imagens trata-se de um tipo de faculdade “natural” do ser humano, um modo de comunicação com o outro e com a sociedade. Certos pesquisadores estabelecem a divisão que poderia ser considerada arbitrária numa imagem. Analisa-se os aspectos técnicos ou seja, enquadramento, perspectiva, relação fundo/objeto, composição da imagem, utilização de sombra, luz e cores

entre outros, separadamente dos aspectos relacionados a conteúdo e significação. (COUTINHO, 2005).

Para análise da imagem neste estudo consideramos os recortes comunicacionais da fotografia (Lisboa et al., 2016) focando nos seguintes ângulos:

a. Close Up: Enquadra o sujeito de forma que fique centrado, essencial para ressaltar detalhes. Cria intimidade com o observador. (Lisboa et al., 2016 apud Bergstrom, 2009).

b. Primeiro Plano: Enquadra o sujeito ou objeto à frente, usado para dar ênfase.

c. Plano Médio: Enquadra o sujeito sempre à meio corpo, usado para que permita o esclarecimento de relações pessoais e sociais. (Lisboa et al., 2016 apud Bergstrom, 2009).

d. Plano Americano: Enquadra o sujeito acima dos joelhos.

e. Corpo Inteiro: Enquadra o sujeito completamente, não havendo cortes.

f. Plano Geral: Enquadra a imagem mostrando tudo que há ao redor, priorizando também o fundo. Esse tipo de enquadramento fornece espaço para o cenário e para a atmosfera. (Lisboa et al., 2016 apud Bergstrom, 2009).

g. Ao mesmo nível: A câmera fica na mesma altura do sujeito/objeto resultando em uma imagem reta. Esse tipo de enquadramento é ideal para promover a noção de igualdade entre o sujeito retratado e o observador.

h. Plongée: Fica-se acima do sujeito/objeto, enquadramento em câmera alta.

i. Contra-Plongée: Fica-se abaixo do sujeito/objeto, enquadramento em câmera de baixo para cima. Costuma ser usada para exaltar o sujeito, promovendo a noção de empoderamento, engrandecimento.

6 Estudo de Caso: Projeto Asiatique

O Projeto Asiatique trata-se de uma página existente numa plataforma digital do tipo rede social dedicada principalmente ao compartilhamento de fotos, o Instagram. Idealizado por duas fotógrafas de ascendência asiática, o Asiatique surgiu em Maio de 2018 com o propósito de ser um espaço voltado para promover a auto-aceitação bem como para compartilhar histórias de vida e relatos associados à experiência de como é ser mulher brasileira de ascendência asiática amarela.

Um dos objetivos do projeto é evidenciar o olhar de mulheres para com outras mulheres. Isso significa buscar a adesão de mulheres fotógrafas, se possível de ascendência asiática, para que no momento do ensaio fosse possível estabelecer uma conexão pautada pela empatia de modo que as fotos fossem capazes de retratar as

participantes com naturalidade e o mais próximo da realidade possível. Atualmente o Asiatique contempla também mulheres de ascendência asiática marrom Oeste Asiática/ Oriente Médio, Interétnicas além de mulheres que identifiquem-se como LGBTQ+ e Plus Size. A página soma aproximadamente 7,5 mil seguidores.

Entendemos a existência do Projeto Asiatique a partir de uma necessidade em ser visto, ouvido e aceito socialmente enquanto indivíduos racializados. Embora a diversidade seja pauta para muitas discussões e, mesmo em âmbito profissional algumas empresas abracem os ideias de diversidade e inclusão, há um longo caminho até que seja possível vivenciar mudanças estruturais reais. O conteúdo analisado respeita o padrão de três fotos por post seguido do texto composto pelo nome, data da postagem e a narrativa completa da participante.



Imagem 1- Fernanda, ângulo ao mesmo nível

Fotos postadas em: 11/10/2018

Análise 1 - Fernanda: "Quando era mais nova, o fato de ser mestiça me incomodava. Eu morava no Japão, uma menininha de olhos puxados e cabelos enrolados. Eu não me encaixava em nenhum padrão de beleza. Assim, comecei a alisar meu cabelo e me "niponizar" mais. Logo eu percebi que aquela não era eu, e minha inquietude quanto a minha aparência não foi embora. Comecei a perceber que minha vontade de me encaixar não me faria mais feliz, e sim quando me aceitasse e não achasse errado ser diferente. Não me pareço nem com uma japonesa ou uma brasileira típica, e hoje eu vejo a beleza nisso. Não há nada mais empoderador do que amar o que te faz diferente!"

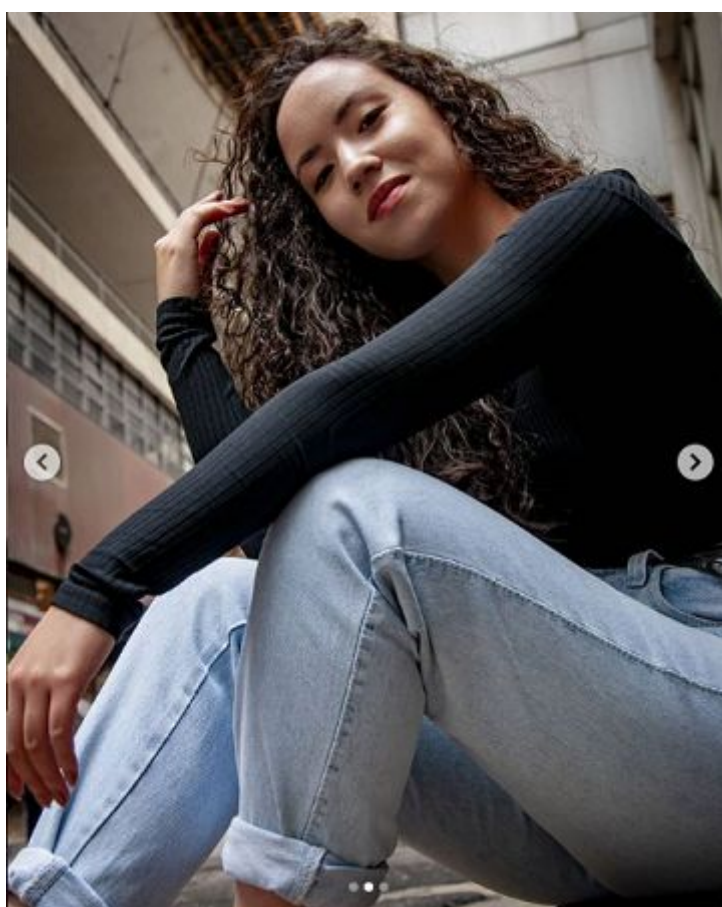


Imagem 2 - Fernanda, ângulo contra-plongée

O relato de Fernanda começa com a descrição de como ela se sentia sendo uma pessoa interétnica, para tal descrição ela utiliza *incomoda*, mostrando que havia um desconforto para com suas origens étnicas. A seguir há a utilização de indicadores de tempo e espaço para contextualizar a narrativa *Eu morava no Japão - espaço - uma menininha - tempo* - em que a sensação de incômodo foi preponderante, indicadores essenciais para

que possamos compreender que uma vez no Japão, havia atuação de outros tipos de estereótipos. Por meio do ato ilocutório (Manhães, 2005) ou seja, do domínio do ato de fala vinculado à situação social, somos introduzidos ao discurso relativo ao estereótipo do asiático amarelo presente no relato de Fernanda e quais foram seus desdobramentos ao longo do processo de construção de sua identidade. Podemos destacar que o uso do termo *niponizar* acentua a existência de uma série de características atribuídas ao que significa ser japonês associadas à aparência e à cultura.

“Eu não me encaixava em nenhum padrão de beleza”. A partir dessa frase, entendemos que há uma crise de identidade quando pensamos em sua interetnicidade tendo como uma de suas ascendências a etnia japonesa - asiático amarela - e no fato de não conseguir sentir-se pertencente a um lugar específico cujos habitantes carregam consigo estereótipos de beleza e determinados traços étnicos considerados o padrão para a etnia japonesa. Em alguns países do leste asiático, o padrão de beleza envolve características atribuídas à pele clara de preferência com o subtom mais próximo do rosado ao invés do amarelado - considerado mais comum entre os indivíduos do leste asiático - cabelos lisos, olhos amendoados ou com uma pequena dobra na pálpebra superior popularmente conhecida como “double eyelid”, ponte do nariz saliente e o formato do rosto oval. Já em relação ao corpo, indivíduos magros e de biotipo longilíneo costumam encaixar-se no padrão de beleza. Ao mesmo tempo, verificamos que para indivíduos interétnicos a sensação de deslocamento é resultado da existência de estereótipos atuando em ambas as etnias parentais *“Não me pareço nem com uma japonesa ou uma brasileira típicas”* impede a total identificação com quaisquer de suas ascendências étnicas.

De acordo com Fernanda, mesmo após a tentativa de encaixar-se no padrão estético japonês não houve alívio algum, muito pelo contrário, a sensação predominante era algo próximo à “inquietação”. Desta forma, houve o entendimento de que a vontade em pertencer a um grupo étnico não era congruente com quem ela realmente era. Da relação entre a identidade e a alteridade no relato de Fernanda podemos depreender que a falta de representatividade durante um longo período de sua vida culminou na sensação de que estava “errada”, de deslocamento, pois não conseguia enxergar-se em mais ninguém, não havia referências para o seu tipo de beleza, uma pessoa pública que contemplasse suas características.



Imagem 3 - Fernanda, ângulo contra plongée

O ângulo contra-plongée - câmera de baixo para cima - é comumente usado para exaltar a pessoa retratada, transmitir confiança, segurança e engrandecimento (Lisboa et al., 2016), fato que pode ser associado também ao seguinte trecho do relato de Fernanda “*Não há nada mais empoderador do que amar o que te faz diferente!*”. O ângulo ao mesmo nível do observador é importante para promover a sensação de igualdade entre sujeito e observador.



Imagem 4 - Akei, ângulo contra-plongée

Fotos postadas em: 10/12/2018

Análise 2 - Akei: *“Eu sou uma mulher trans, lésbica e asiática. Só aí já me enquadro em 3 categorias de pornografia diferentes, então já dá pra imaginar o tanto de fetichização que recebo, né? Pelas fotos até posso passar como cisgênera e heterossexual, mas é só me conhecer um pouquinho para ver que estou totalmente fora da norma. Isso já me custou amizades, empregos, afeto...Tudo o que sobra é sexo e muitas vezes só para realizar fetiches ou curiosidades. Eu sou mulher, trans, lésbica e asiática, e me descobri exatamente nessa ordem. Demorei pra entender minhas intersecções pois a transfobia é a opressão que mais afeta minha vida, mas quando entro nas comunidades LGBTQ+ percebo que ainda existe mais esse recorte racial. Minhas experiências são muito diferentes de LGBTQ+ brancos e demorei muito pra enxergar isso, pois quase não tenho outras referências de LGBTQ+ asiáticas. Tem sido uma viagem solitária. Conheci esse projeto há pouco tempo e já achei incrível, mas ainda senti falta de representatividade trans. Então me ofereci para tirar as fotos e mostrar que gente como eu existe, mostrar que eu existo como pessoa e não*

como um objeto sexual ou um tempero exótico. Eu amo, choro, ando de mãos dadas, almoço, vivo, pego ônibus, pago boletos... No fim, sou uma mulher como qualquer outra."



Imagem 5 - Akei, ângulo em corpo inteiro

Logo no início de seu relato Akei declara algumas de suas identidades “*Eu sou uma mulher trans, lésbica e asiática*” entendemos o trecho como ato ilocutório cuja função é contextualizar algumas de suas experiências de vida.

Akei continua o relato mencionando o fato de estar “*totalmente fora da norma.*” Podemos interpretar esse fragmento como um indicativo de que indivíduos com suas características ainda enfrentam dificuldades para serem socialmente aceitos. Ainda nesse trecho, há a presença do discurso acerca dos padrões moralmente estabelecidos que a partir da alteridade e, portanto, o modo como esses padrões sociais fazem com que pessoas guiadas pelo senso comum carregado de preconceitos a enxerguem, promovem a noção de deslocamento em Akei. Enquanto indivíduo, ela entende que suas identidades como mulher, trans, lésbica, de ascendência asiática amarela funcionam como intersecções as quais

agem como critérios de definição para os tipos de experiências presentes em sua história de vida. Há consciência de que ela vive as discriminações de modo diferente. A intersecção fica clara nos momentos em que Akei menciona os grupos destinados à pessoas LGBTQ+ nos quais sente diferença em relação ao tratamento pois ressalta o *recorte racial* presente no trecho “*Minhas experiências são muito diferentes de LGBTQ+ brancos e demorei muito pra enxergar isso, pois quase não tenho outras referências de LGBTQ+ asiáticos. Tem sido uma viagem solitária*”.

A fala de Akei é importante para podermos pensar também sobre a consubstancialidade das relações sociais no sentido de entender quais são os níveis de opressão que atuam sobre o sujeito pós-moderno descentralizado. Embora os grupos LGBTQ+ busquem ser espaços de encontro e acolhimento para todos os indivíduos que desejam viver sua orientação sexual e de gênero livremente, tal relação apresenta-se de acordo com a perspectiva intersubjetiva pois apesar de modificados alguns comportamentos com foco ao respeito para com a orientação sexual e de gênero, as bases das relações permanecem conflitantes nos quesitos raça e classe social. Ou seja, o comportamento opressivo permanece ao tornar certas identidades dominantes — orientação sexual e de gênero — tornando-os pilares desse novo espaço, mas ainda existe opressão no que se refere aos fatores raça e/ou classe social.

A partir do seguinte trecho destaca-se o ato perlocutório presente no discurso quando Akei entende seu papel social e seu lugar de fala “*Conheci esse projeto há pouco tempo e já achei incrível, mas ainda senti falta de representatividade trans. Então me ofereci para tirar as fotos e mostrar que gente como eu existe, mostrar que eu existo como pessoa e não como um objeto sexual ou um tempero exótico*”.



Imagem 6 - Akei, ângulo contra-plongée

Os ângulos escolhidos para registrar Akei, contra-plongée - câmera de baixo para cima - reforça a ideia de empoderamento assim como o ângulo de corpo inteiro busca mostrar o sujeito em sua totalidade. No caso de Akei, transmite segurança sobre sua identidade. Tanto as imagens quanto o seguinte trecho de seu discurso (*Eu amo, choro, ando de mãos dadas, almoço, vivo, pego ônibus, pago boletos... No fim, sou uma mulher como qualquer outra*) transmitem a ideia do habitual, natural.



Imagem 7 - Mariana, ângulo em primeiro plano

Fotos postadas em: 15/02/2019

Análise 3 - Mariana: *Meu avô nasceu em um pequeno vilarejo no Líbano e veio para cá em 1967. Como sempre frequentei muito a casa dos meus avós, quando pequena pensava que várias coisas árabes eram na verdade coisas presentes do cotidiano de todo brasileiro: as comidas, os tapetes, o sotaque do meu avô, ele indo rezar frequentemente, hijab, a minha mãe colocando recitações do Corão para tocar todo dia de manhã... Para mim, aquele era o mundo de todo mundo. Só depois que fui perceber que, na verdade, a minha família que era diferente das outras. Acontece que eu percebi isso do jeito difícil: quando começaram a falar que meu sobrenome era estranho, quando me perguntaram se meu avô era um homem-bomba, se eu tinha uma família de terroristas... nesse momento, o que para mim era algo normal, minha cultura, passou a ser algo que eu tentei esconder. Não falava meu sobrenome, ou sobre a minha família e sua religião para ninguém... Tentei apagar qualquer traço “diferente” que eu possuía. Isso perdurou por muito tempo, até que eu conheci o feminismo asiático. Eu percebi que tudo bem ser diferente e que existiam mulheres que estavam dispostas a respeitar e compreender minha cultura, sem*

discriminações. Aos poucos, fui voltando à minha infância, quando admirava e amava minha cultura mais que tudo.

Infelizmente o feminismo asiático é ainda muito leste-centrado, e nós da comunidade marrom temos que constantemente dar uns puxões de orelha porque às vezes rolam coisas bem chatas, que exigem reflexão e autocritica por parte das minas amarelas. Foi nesse contexto que surgiu a ideia de fazer a página Hibisco, como uma plataforma de autoafirmação de pessoas marrons, que disseminasse conhecimento, acabasse com os achismos e firmasse o nosso lugar dentro do movimento asiático e na sociedade como um todo.

Mesmo assim, eu sou muito grata a tudo que o feminismo asiático proporcionou a mim, até porque cada dia fica mais claro que as minas amarelas também estão dispostas a refletir e melhorar. Hoje falo do meu sobrenome, da minha família, da religião islâmica, da história do meu avô e da nossa cultura. Graças ao feminismo asiático voltei a amá-la como se fosse criança outra vez"

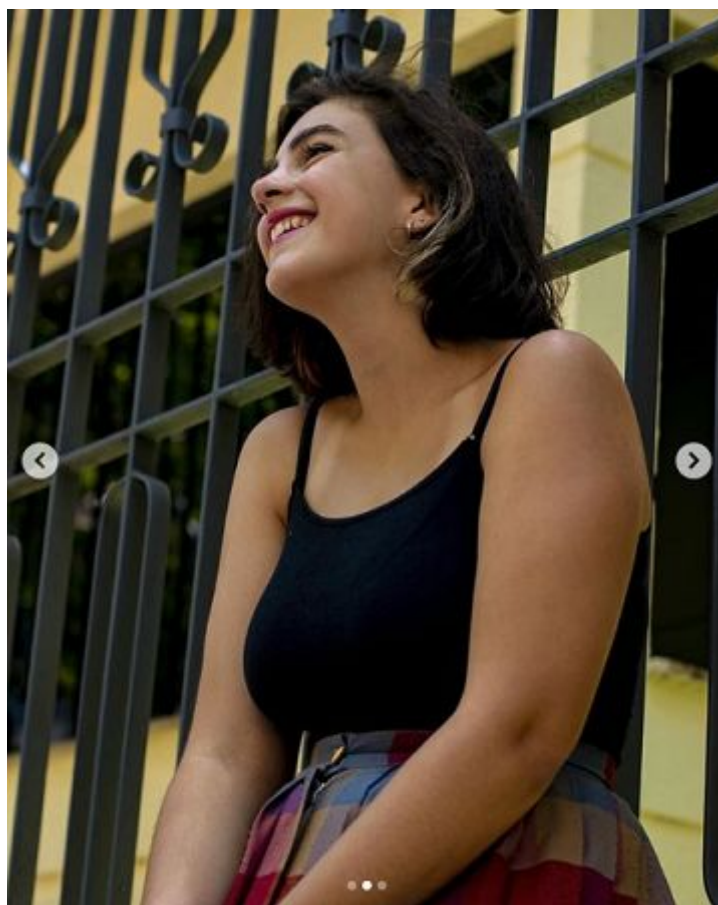


Imagem 8 - Mariana, ângulo contra-plongée

Logo no início Mariana define temporalmente sua narrativa *“Meu avô nasceu em um pequeno vilarejo no Líbano e veio para cá em 1967. Como sempre frequentei muito a casa dos meus avós, quando pequena [...]”* assim como nos permite entender o desenvolvimento do ato ilocutório responsável por compor seu discurso em *“pensava que várias coisas árabes eram na verdade coisas presentes do cotidiano de todo brasileiro: as comidas, os tapetes, o sotaque do meu avô, ele indo rezar frequentemente, hijab, a minha mãe colocando recitações do Corão para tocar todo dia de manhã... Para mim, aquele era o mundo de todo mundo”*.

Entendemos que sua relação com o mundo era definida a partir do contato com a cultura islâmica, que seu avô proveniente do Líbano, mantinha viva mesmo estando em outro país. O aspecto da alteridade surge quando Mariana menciona *“quando pequena pensava que várias coisas árabes eram na verdade coisas presentes do cotidiano de todo brasileiro”* dado que conviveu com a cultura islâmica de forma tão presente, para ela todos à sua volta naturalmente partilhavam dos mesmos costumes. Está implícito que durante a infância o círculo social de Mariana era limitado à família e amigos mais próximos que partilhavam da mesma cultura. A partir do momento em que Mariana começa a ter contato com pessoas diferentes das pessoas habituais de seu círculo social, o ambiente externo modifica-se, alterando também parte de sua identidade.

O ambiente social externo responsável pelo diálogo entre alteridade e identidade enxerga a cultura islâmica a partir dos estereótipos os quais alguns foram criados no dia 11 de Setembro de 2001 com o ataque às torres gêmeas nos Estados Unidos. Na época, foi um dos fatos mais noticiados pelas emissoras de televisão e agências de notícias internacionais. Para os indivíduos que desconheciam a religião islâmica e seus fiéis muçulmanos, os estereótipos instalaram-se convenientemente como norteadores de seu senso crítico sobre o islã. Ressaltamos ainda a associação automática e equivocada entre os três pólos distintos, cultura árabe, islamismo e extremismo. Mariana destaca alguns deles no seguinte trecho de seu relato: *“quando começaram a falar que meu sobrenome era estranho, quando me perguntaram se meu avô era um homem-bomba, se eu tinha uma família de terroristas...”*. Os estereótipos a conduziram até à renúncia da cultura islâmica e qualquer traço proveniente dela *“Tentei apagar qualquer traço “diferente” que eu possuía”* refletindo diretamente na construção de sua identidade enquanto mulher de ascendência árabe islâmica e asiática marrom. O uso do termo *“diferente”* revela o discurso do branco como sendo o normal, enquanto todas as outras raças e etnias são os estrangeiros.

A intersecção surge em seu discurso a partir do instante em que Mariana menciona o feminismo asiático como extremamente voltado para o estereótipo de asiático enquanto povos amarelos, ignorando-se o fato de que a Ásia é dividida entre diversos países e culturas. Ou seja, além dos estereótipos mais ofensivos como os mencionados anteriormente, indivíduos de ascendência árabe e asiática marrom também precisam lidar com estereótipos que inviabilizam sua luta enquanto povos asiáticos. Nos remete também à consubstancialidade das relações sociais porque embora indivíduos de ascendência asiática marrom e asiática amarela possuam conflitos semelhantes, tratam-os como se fossem diferentes, disputando espaços que poderiam ser compartilhados. Nesse sentido podemos mencionar também o estereótipo dos povos amarelos como minoria modelo e quão isso é prejudicial para as demais lutas étnicas porque coloca como sendo diferentes causas que são semelhantes, impedindo a união dessas etnias, impedindo que se ajudem mutuamente.



Imagem 9 - Mariana, ângulo em close up

As fotos de Mariana expressam principalmente a alegria que menciona no seguinte trecho: “*Hoje falo do meu sobrenome, da minha família, da religião islâmica, da história do*

meu avô e da nossa cultura. Graças ao feminismo asiático voltei a amá-la como se fosse criança outra vez” o uso do close-up é fundamental para que possamos captar esse sentimento. Além de contribuir para criar a noção de intimidade (Lisboa et al., 2016) o ângulo em primeiro plano procura destacar o sujeito, no caso de Mariana, revela também segurança em relação à quem é atualmente. O ângulo contra-plongée - câmera de baixo para cima - ressalta o sentido de empoderamento, mas também é possível enxergá-lo como a superação de uma fase, o fechamento de um ciclo.



Imagem 10 - Mariana, ângulo em plano médio

Fotos postadas em: 28/02/2019

Análise 4 - Mariana: *Quem somos, da onde viemos e para onde vamos?”* essas são as perguntas que mais me preocuparam antes de eu me estabelecer como uma mestiça confiante em sua individualidade e autonomia. Desde pequena, fui colocada em diversas caixas a “japa fofa e quietinha”, a “artista da sala”, a “esforçada e séria demais” da turma, mas também a menina difícil, cheia de opiniões ou em soma a “diferentona”. Acredito que

para qualquer um viver estereotipado seja um pé no saco, escutar pequenas discriminações veladas no dia a dia como “você se diz ascendente, mas...” dói. Se não é você a negar suas origens, sempre existe alguém a te julgar por cor, gênero, raça ou classe. Encontrar defesa de solidariedade entre meninas como eu foi um certo alento, pedaços de mim que nem eu mesma sabia que existiam se tornaram parte da minha identidade. A primeira vez que eu me senti assim foi ao participar do concurso Miss Nikkey no ano retrasado (2017). Percebi que o foco ali era a troca entre nossas vivências, muitas vezes apagadas pela ocidentalização. No lugar onde deveriam estar direito, aceitação, justiça e representatividade, o que a gente encontra é a ignorância de um povo que ainda precisa debater muito sobre esse assunto. De qualquer forma, viver em cima do muro ou de forma a negar uma parte de si causa diversas aflições e quando se entende um pouco mais sobre raça e gênero tudo começa a se encaixar melhor. Agradeço pela oportunidade de poder participar desse movimento ao lado de pessoas incríveis e aprender mais com vocês.



Imagem 11 - Mariana, ângulo em plano americano

O relato de Mariana inicia com indícios acerca da crise de identidade presente em indivíduos interétnicos. O ato ilocutório responsável pelo discurso de Mariana tem como pressuposto principalmente a interseccionalidade vivida por indivíduos que encontram suas raízes em duas etnias diferentes, ora caminhando mais próximos de uma delas ora caminhando mais próximos de outra. No caso da ascendência asiática amarela há um estereótipo tão fortemente enraizado no imaginário coletivo sobre como um indivíduo com essa ascendência deve se parecer que torna-se quase automático negligenciá-la em favor de outras etnias. Em vez do diálogo entre ambas as etnias, o indivíduo encontra-se perdido porque em alguns casos não se enxerga totalmente como pertencente a nenhuma das etnias parentais.

A interseccionalidade torna-se evidente quando Mariana comenta ter convivido com diversos estereótipos: *“Desde pequena, fui colocada em diversas caixas a “japa fofa e quietinha”, a “artista da sala”, a “esforçada e séria demais” da turma, mas também a menina difícil, cheia de opiniões ou em soma a diferentona”*. Neste trecho, também podemos entender que em seu discurso encontra-se implícita a tentativa de agir de acordo com sua própria personalidade frente aos estereótipos. A interseccionalidade é perceptível também no trecho *“De qualquer forma, viver em cima do muro ou de forma a negar uma parte de si causa diversas aflições e quando se entende um pouco mais sobre raça e gênero tudo começa a se encaixar melhor”*, isso se caracteriza-se como ato perlocutório a partir do momento em que Mariana entende sua origem e seu lugar de fala.

Ao relatar que *“escutar pequenas discriminações veladas no dia a dia como “você se diz ascendente, mas...” dói. Se não é você a negar suas origens, sempre existe alguém a te julgar por cor, gênero, raça ou classe”* observamos o conceito de alteridade ligada à construção da identidade em que o discurso discriminatório assume o formato de experiência externa. Dado o trecho mencionado anteriormente, inferimos que para os indivíduos interétnicos a dificuldade em sentirem pertencente é ainda maior ao tentar buscar representatividade e acolhimento. Porém, não os encontram em nenhuma das etnias parentais, não porque não desejam acolhê-los mas porque não tiveram as mesmas experiências. Nesse contexto, construir a identidade é uma tarefa complexa.

A escolha pelo ângulo em plano americano - enquadramento acima do joelho - frente ao observador transmite a sensação de segurança em relação à sua própria identidade e, principalmente, segurança para com a imagem que deseja passar. O ângulo em plano médio - quando o sujeito é retratado da metade do corpo para cima - costuma ser o ideal para esclarecer relações pessoais e sociais (Lisboa et al., 2016).



Imagem 12 - Mariana, ângulo em plano americano

A escolha pelo ângulo em plano americano - enquadramento acima do joelho - frente ao observador transmite a sensação de segurança em relação à sua própria identidade e, principalmente, segurança para com a imagem que deseja passar. O ângulo em plano médio - quando o sujeito é retratado da metade do corpo para cima - costuma ser o ideal para esclarecer relações pessoais e sociais (Lisboa et al., 2016).



Imagem 13 - Rossana, ângulo em primeiro plano
Fotos postadas em: 10/04/2019

Análise 5 - Rossana: *Eu sou birracial, tendo ascendência [sic] libanesa por parte de pai e japonesa por parte de mãe. Minha interetnia sempre foi clara; quando eu era mais nova, minha mãe costumava falar que eu era "kibe com sushi", mas as outras crianças preferiam me chamar de "mulher bomba kamikaze". Não demorou muito pra entender que a "normalidade" é uma característica [sic] restrita à branquitude. O tom belicoso e banal colocado sobre a brincadeira que faziam foi uma das várias [sic] coisas que me fizeram perceber isso. Ser racializado não é, pelo senso comum, uma coisa "normal", logo, eu era, e ainda sou, como um depósito, onde as outras pessoas concentram seus estereótipos e expectativas que se têm de alguém "asiático". Se eu chamo uma pessoa de "branca", minha atitude é por vezes tida como ofensiva, enquanto ao mesmo tempo, à mim, sempre me foi conferido um apelido racial, onde eu era nada mais e nada menos que. Nesse contexto, me descobrir como marrom- amarela não foi nenhuma surpresa. Por vezes eu tinha a ilusão de ser como as outras meninas no colegio [sic], mas ela era rotineiramente quebrada por um ou dois comentarios [sic] que exotizavam [sic] a minha existencia [sic]. Ninguém [sic]*

perguntava pra elas "de onde elas eram de verdade". Ninguém abordava elas na rua falando japônes [sic]. Ninguém sentia nojo das comidas que elas comiam. Ninguém perguntava se o pai delas era terrorista. Ninguém perguntava porque elas não usavam "o paninho na cabeça" se elas tinham família [sic] árabe. Ninguém falava pra elas que "sempre quis pegar uma japa" porque elas eram obedientes e gemiam bastante. Mas me reconhecer como marrom-amarela também foi entender, ao mesmo tempo, meu lugar de privilegio [sic]. Autocrítica é extremamente necessario [sic] para que o nosso movimento não seja banalizado e é ingenuo [sic], de falsa simetria, e estúpido comparar o grau de preconceito que eu sofro, com o que sofrem negros ou imigrantes chineses recentes vivendo em situação de escravo urbano, por exemplo. Nesse sentido, nosso movimento precisa se tornar mais amplo: afinal, estamos aqui só pra conquistar os privilégios que nos faltam? Ou estamos em busca de mudanças estruturais na nossa sociedade, para combater TODO tipo de opressão?

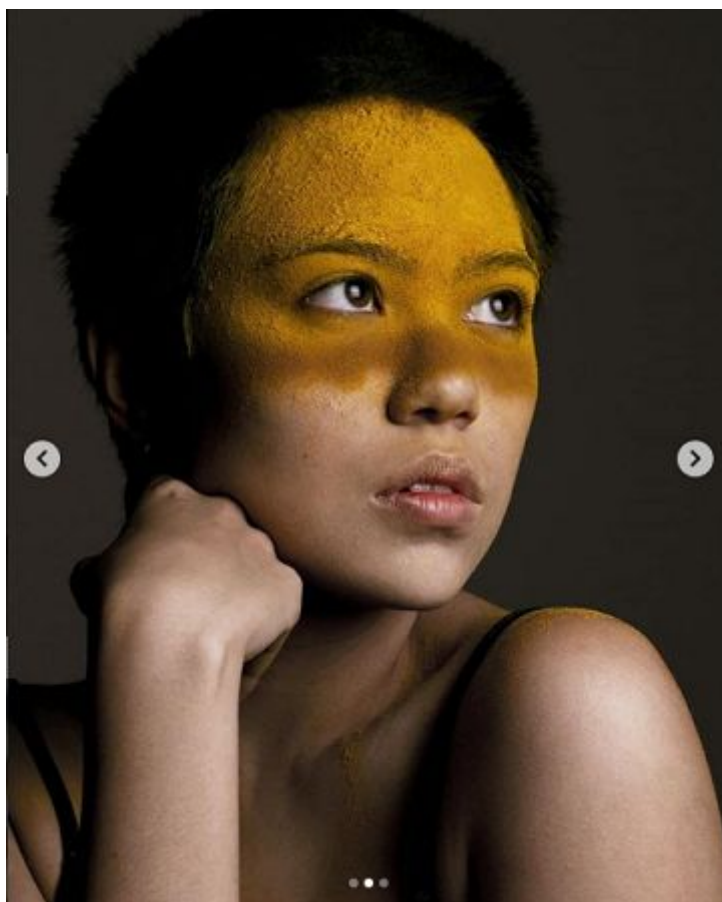


Imagem 14 - Rossana, ângulo em primeiro plano

O principal fator que caracteriza o ato ilocutório responsável por dar corpo ao discurso de Rossana é a birracialidade ou sua ascendência interétnica. A narrativa inicia-se com a afirmação de que a consciência em ser um indivíduo interétnico sempre fez parte de sua história. No trecho a seguir: *“minha mãe costumava falar que eu era kibe com sushi”*, fica claro que a mãe de Rossana usava o eufemismo como figura de linguagem para explicar o fato de que a interetnicidade estaria presente em sua vida. Quando ela passa a ter contato com outras pessoas - fora de seu círculo social - a alteridade mostra-se ligada à construção da identidade a partir do momento em que estereótipos são fontes de micro agressões cotidianas, os quais é possível ressaltá-las nos seguintes trechos *“Ninguém [sic] perguntava pra elas “de onde elas eram de verdade”, Ninguém abordava elas na rua falando japônes [sic], Ninguém perguntava se o pai delas era terrorista, Ninguém perguntava porque elas não usavam o paninho na cabeça”*.

A existência dos estereótipos é algo natural ao processo cognitivo do ser humano, guiando-o e fazendo com que seja mais rápido o reconhecimento e categorização de informações, não há problema quanto a isso. No entanto, os estereótipos podem ser prejudiciais quando impregnados de preconceitos que ferem os direitos de outrem, como no trecho *“sempre quis pegar uma japa”* em que encontramos implícito o discurso de exotização, que parte do princípio da alteridade em que o outro é diferente porque existe a consciência de que não sou eu. Na exotização, o outro é posto como algo que por definição é o estrangeiro, esquisito, excêntrico, extravagante; nenhum desses adjetivos cabe a qualquer pessoa por sua ascendência. Ainda pensando sobre a frase *“sempre quis pegar uma japa”* identificamos implícito o discurso relativo à fetichização do corpo da mulher amarela. No caso de Rossana, existem estereótipos agindo sobre sua ascendência libanesa e japonesa nos quais ela, como indivíduo, encontra-se no limiar entre uma e outra.

Entendemos como um aspecto da consubstancialidade das relações sociais quando Rossana lança uma pergunta retórica a respeito das lutas amarelas, *“nosso movimento precisa se tornar mais amplo: afinal, estamos aqui só pra conquistar os privilégios que nos faltam? Ou estamos em busca de mudanças estruturais na nossa sociedade, para combater TODO tipo de opressão?”*. Indivíduos de ascendência asiático amarela possuem privilégios provenientes também do estereótipo da minoria modelo — os quais são colocados como o povo imigrante que ascendeu socialmente no decorrer do tempo em que estiveram no Brasil e demais aspectos de sua cultura que os classifica como “exemplares” — frequentemente usado para afirmar o racismo contra negros. Evidentemente, colocar indivíduos racializados uns contra os outros, impedindo que enxerguem suas lutas como resultado de um processo histórico diferente mas semelhante em relação à causa, mantém a hegemonia branca. Por

outro lado, também conseguimos identificar presente em seu discurso a noção de interseccionalidade ao reconhecer que as experiências ao longo da vida podem ser completamente diferentes quando consideradas todas as identidades que compõem um indivíduo em “*falsa simetria, e estúpido comparar o grau de preconceito que eu sofro, com o que sofrem negros ou imigrantes chineses recentes vivendo em situação de escravo urbano, por exemplo*” é igualmente importante quando caracterizado como ato perlocutório, dado que Rossana compreende quais são suas lutas e seu lugar de fala.



Imagem 15 - Rossana, ângulo em primeiro plano

O fator responsável por chamar a atenção nas fotos de Rossana é o amarelo colorindo metade do seu rosto. Percebemos o amarelo como recurso metafórico para transmitir a noção de orgulho em relação à sua interetnicidade e à ascendência asiático amarela ao mesmo tempo em que destaca o modo como tal ascendência marcou suas experiências ao longo da vida. O uso do ângulo em primeiro plano procura focar no sujeito, já o fundo ausente de qualquer outro tipo de elemento visual costuma ser usado para exaltar o sujeito enquanto indivíduo buscando equilíbrio entre sua imagem e seu discurso.

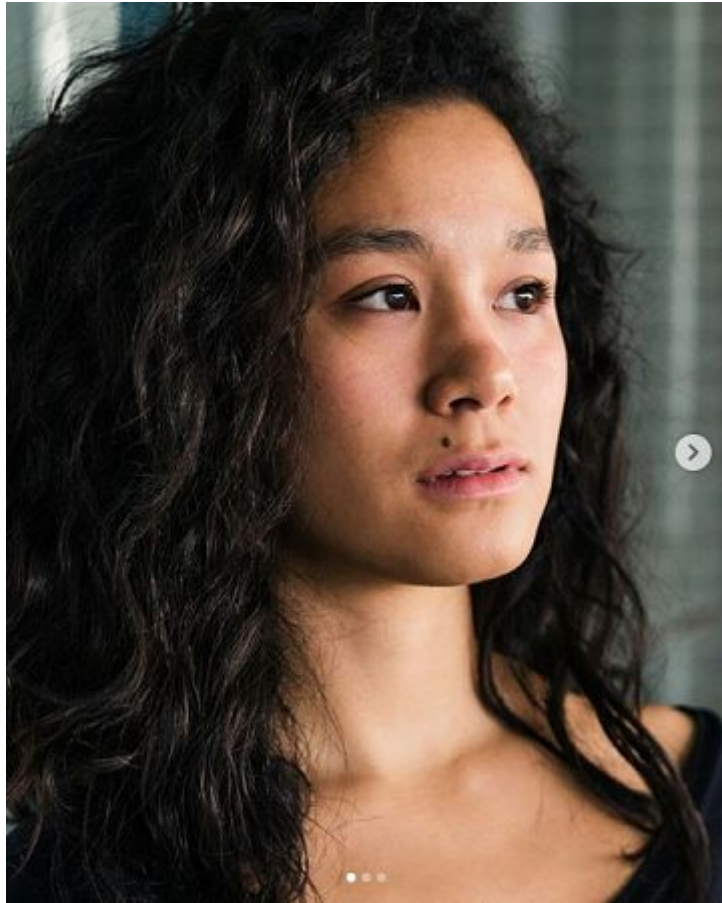


Imagem 16 - Gabriela, ângulo em primeiro plano
Fotos postadas em: 14/05/2019

Análise 6 - Gabriela: *Meu pai nasceu no nordeste, a gente fala que é descendência brasileira. A descendência japonesa vem da família da minha mãe. Essa mistura que me fez assim e por muito tempo trouxe vários nós na minha mente. Me lembro de várias vezes marcar um "X", na opção "cor: branco" e assim segui também reproduzindo padrões da branquitude. É difícil olhar no espelho e ver não só olhos puxados, mas também um cabelo cacheado que destoa da imagem esperada. É a constante batalha de reconhecimento de duas raízes [sic] que me sustentam. "yakuza" "japonesa do paraguai" "pastel de flango" "japonês é tudo igual" - se você já disse alguma dessas e outras palavras saiba que elas incomodam e inferiorizam, dizem a respeito de barreiras linguísticas e culturais. São a materialização de um preconceito. Deixo um trecho de um poema que fiz na faculdade, dois anos depois reescrevi me reconhecendo não mais como branca.*

No espelho, agora sei da minha cor

Na minha pele o amarelo está aparente (e o branco, ausente?) Sou asiática, não estou ao seu dispor

Era branca a multidão que eu me encontrava

Mas só agora percebo que ela não me representava

Ao seu lado amarela, nem eu conseguia me perceber

Mas e aí, o que você vê?

Eu era cega de cor, pois me ceguei da minha própria dor

Pintada de branco eu vivia

Reproduzindo comportamentos da sua burguesa autocracia

E, ao olhar para fora dessas janelas, somos a (falaciosa) minoria modelo

E ao olhar para esses corredores, mascarados estão seus gritos: - "Estrangeiro!" Aqui eu sou protótipo, o motivo do suposto exemplo ao negro,

Sem perceber viro a piada racista

Ei xingling, abre esse olho, vai no oculista!

Usam histórias diferentes para argumentar a favor da democracia racial

Contra cotas e ações afirmativas, sempre seguidas de seu racismo cordial

E escondido está, o embranquecer da nossa cultura

Não venha dizer que sou ideal para quem você bate com a minha armadura

De manchas brancas eu sou marcado

Contempladas pela violência do Estado

Não tente apagar tanta crueldade e perseguição

Encapada por essa branca e suja polidez superficial

Como se não existisse racismo estrutural

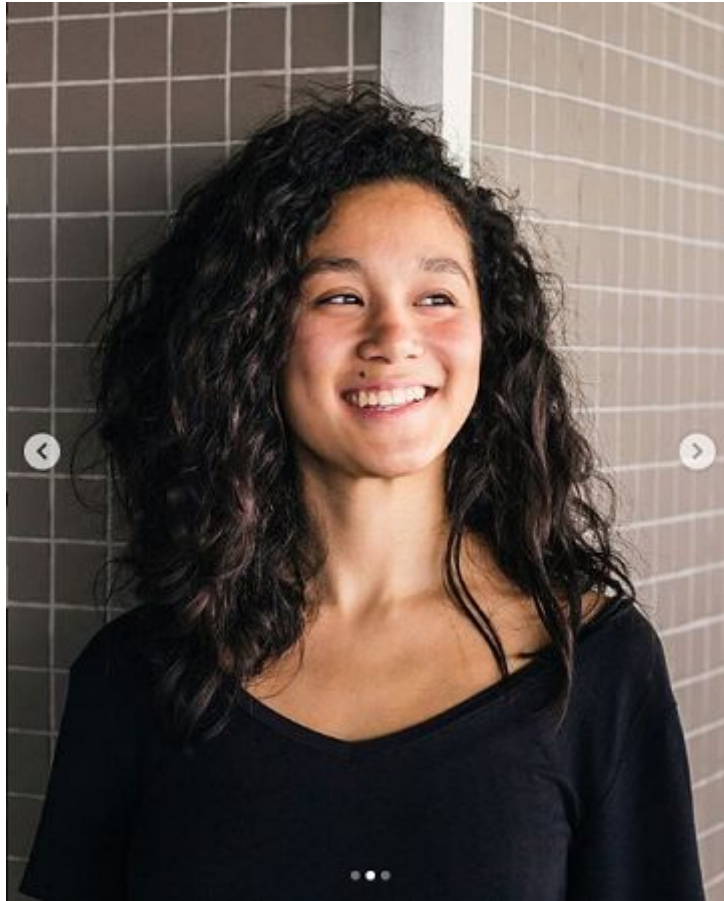


Imagem 17 - Gabriela, ângulo em médio plano

O relato de Gabriela começa de um modo interessante para entendermos como funciona a relação de ascendências étnicas no Brasil. O ato ilocutório é posto em evidência no trecho *“Essa mistura que me fez assim e por muito tempo trouxe vários nós na minha mente”* responsável também por permear seu discurso. Ao mencionar suas ascendências étnicas parentais diz que possui ascendência japonesa por parte de mãe e nordestino brasileira por parte de pai: *“Meu pai nasceu no nordeste, a gente fala que é descendência brasileira”* introjetada nessa parte de seu relato podemos identificar o discurso de que todos os povos que possuem maior distanciamento cultural ao tomarmos como referência culturas de povos do Oeste europeu - brancos - são os estrangeiros, aqueles que precisam especificar sua ascendência para que os outros possam compreendê-lo, por vezes podendo enquadrá-lo em algum estereótipo até que sua existência faça sentido na mente do interlocutor. Gabriela possui ascendência interétnica e assim como muitos outros indivíduos que compartilham dessa característica e identidade, encontra-se no limiar entre dois povos ancestrais, caminhando por entre práticas culturais distintas mas reconhecendo-se como o encontro das duas.

O estereótipo do indivíduo de ascendência asiático amarela é tão forte que acaba forçando indiretamente indivíduos interétnicos a renunciar uma de suas origens, renunciando também a uma de suas identidades. Tal processo acontece frequentemente em favor da ascendência branca mesmo que o indivíduo em si não consiga enxergar-se totalmente adequado ou pertencente a um só grupo *“Me lembro de várias vezes marcar um “X”, na opção “cor: branco” e assim segui também reproduzindo padrões da branquitude”*, assim como nos trechos *“Na minha pele o amarelo está aparente (e o branco, ausente?)/ Era branca a multidão que eu me encontrava/ Mas só agora percebo que ela não me representava”*. Esse mesmo trecho relacionado ao entendimento de Gabriela como branca revela em seu discurso a presença da consubstancialidade das Relações Sociais porque ressalta o poder de uma cultura hegemônica frente às demais raças e etnias a tal ponto em que não há a possibilidade de existir no limiar entre duas ascendências diferentes. É necessário que o indivíduo escolha qual ascendência o define.

Estereótipos e micro agressões como *“yakuza” “japonesa do paraguai” “pastel de flango” “japonês é tudo igual”* são fatores responsáveis por promover essa escolha em favor da ascendência branca porque desse modo indivíduos interétnicos não são tidos eternamente como estrangeiros em sua própria terra, não são exotizados.



Imagem 18 - Gabriela, ângulo em plano médio

As fotos de Gabriela em primeiro plano busca transmitir a ideia de que há satisfação e aceitação para com suas características especialmente pela expressão sorridente capturada, já as fotos em plano médio é ideal para esclarecer relações pessoais e sociais (Lisboa et al., 2016). O corpo projetado em diagonal com o olhar de Gabriela direcionado ao observador costuma ser utilizado para dar noção de engrandecimento ou empoderamento, casando perfeitamente com o poema que compõe seu relato.

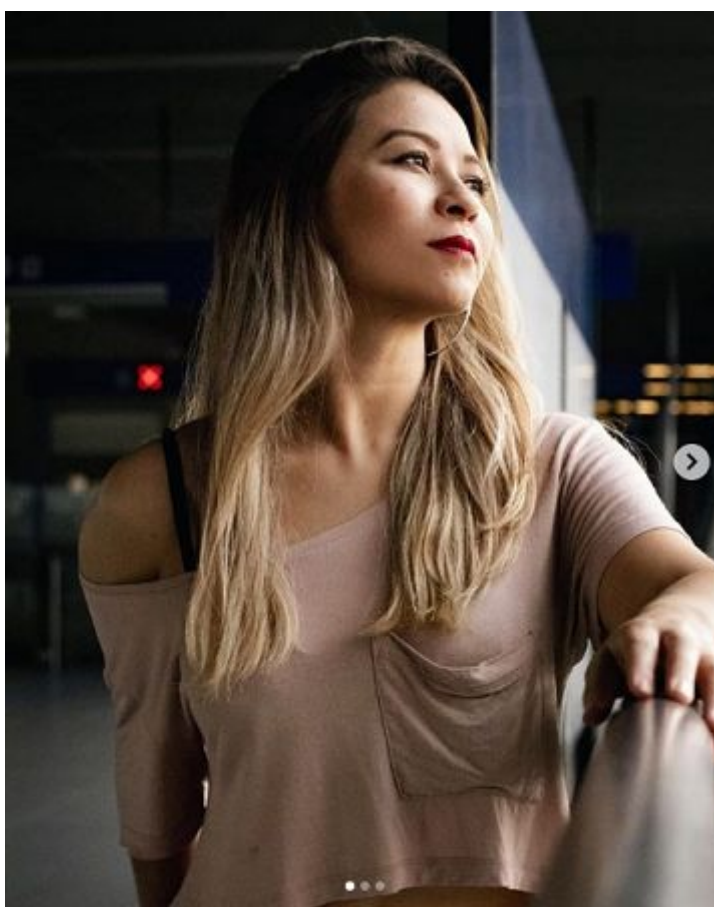


Imagem 19 - Mariana, ângulo em plano médio

Fotos postadas em: 25/06/2019

Análise 7 - Mariana: Minha família por parte de pai foi a que mais tive e tenho contato desde criança. Portanto, o lado que mais me marca das minhas muitas ascendências [sic] é a japonesa. Contudo, apesar das comidinhas que minha batian fazia para os netos e dos presentes em dinheiro que recebíamos no aniversário, nos limitávamos a isto [sic] e a algumas histórias de família no Brasil e no Japão que permeavam os eventos da família. Fui crescendo, mas não me reconhecia em minha própria ascendência. Achava que o

preconceito contra os asiáticos não me atingia, acreditava que as chacotas que recebíamos, eu e minhas amigas de ascendência nipônica, eram direcionadas somente a elas, não a mim.

No entanto, quando fui morar no Rio de Janeiro, aconteceu um evento que mudou minha relação com minha passabilidade: eu e uma amiga sofremos violência verbal e quase física por um skinhead que estava no bar onde frequentamos certo dia. Ele nos olhava e ria dos nossos traços, dizia para voltarmos para nosso país (no caso o Japão) porque o Brasil (que é nosso país) não era nosso lugar. No fim, tivemos que sair do bar escoltadas por amigos. Isto ficou ressoando em mim. Passou um tempo e fui morar em São Paulo, cidade frenética onde muitas pessoas estão de passagem. Muitos amigos que fiz nesta cidade me diziam que meu sotaque era de lugar nenhum, e nestas relações fui descobrindo que não sabia de onde vinha, não conhecia minhas raízes, e nessas andanças todas me perdi em mim mesma. Meu trabalho como cantora profissional me ajudou a me ligar mais ao meu corpo e a minha família.

No final de 2018 fui para o Japão com meu pai e meu irmão. E por incrível que pareça, foi lá o lugar onde tudo fez sentido. As pessoas, os templos, a comida, a educação, a cultura. Depois de 34 anos, voltei a me descobrir, uma parte de mim que estava escurecida, se iluminou. Voltei a me conectar com minhas raízes. Hoje, penso que cantar é falar de mim, me expor. E não consigo falar de mim negando a mim mesma. Sou parte de uma geração que sofre as consequências do imperialismo branco ocidentalizado. Mas, é tão bonito poder gostar do meu corpo, do meu segundo nome "Akemi" e da minha miscigenação...."



Imagem 20 - Mariana, ângulo em plano médio

O relato de Mariana é interessante porque, embora suas experiências fossem mais próximas da cultura japonesa, não havia a sensação de pertencimento, conforme fica claro no seguinte trecho *“Fui crescendo, mas não me reconhecia em minha própria ascendência”*. Identificamos o trecho como ato ilocutório responsável por contextualizar seu relato.

O fato de não se encaixar no estereótipo de indivíduos asiático amarelos também promovia o distanciamento das micro agressões a ela direcionadas *“Achava que o preconceito contra os asiáticos não me atingia, acreditava que as chacotas que recebíamos, eu e minhas amigas de ascendência nipônica, eram direcionadas somente a elas, não a mim”*. Em seu relato o discurso do branco como sendo o padrão de normalidade e outras raças como sendo diferentes, exóticas, faz-se presente no momento em que renuncia sua ascendência asiático amarela.

O caso de Mariana é importante para pensar se as agressões são direcionadas aos indivíduos de ascendência asiática amarela ou interétnicos ou se são agressões direcionadas à qualquer traço que remete ao Japão e ao japonês portanto, xenofóbico, como presente no trecho *“Ele nos olhava e ria dos nossos traços, dizia para voltarmos para nosso país (no caso o Japão) porque o Brasil (que é nosso país) não era nosso lugar. Isto ficou*

ressoando em mim". A xenofobia mesmo que presente em um episódio pontual reforçou a sensação de deslocamento no momento em que passou a ser alteridade, resultando em uma crise identitária pois ao mesmo tempo em que Mariana não era capaz de enxergar-se como uma pessoa dentro do estereótipo do asiático amarelo, ainda assim era vítima de tal tipo de discriminação como fica claro no trecho *"e nestas relações fui descobrindo que não sabia de onde vinha, não conhecia minhas raízes, e nessas andanças todas me perdi em mim mesma"*.

O ato perlocutório é evidente no trecho *"E não consigo falar de mim negando a mim mesma"* a partir do momento em que Mariana passa aceitar sua interetnicidade e ascendência japonesa asiática amarela, entendendo também a responsabilidade por seu lugar de fala.



Imagem 21 - Mariana, ângulo em contra-plongée

Os ângulos usados para capturar as imagens de Mariana em contra plongée - câmera de baixo para cima - contribuem para ressaltar o empoderamento com o intuito de registrar mulheres autoconfiantes e seguras de suas identidades. No caso de Mariana, além do plano médio, responsável por reforçar a ideia de esclarecimento quanto às relações

personais e sociais, o olhar distante transmite ao observador a ideia de lembrar histórias e emoções, partes fundamentais ao projeto.



Imagem 22 - Célia, ângulo em plano ao mesmo nível
Fotos postadas em: 14/08/2019

Análise 8 - Célia: Aprendi com a cultura japonesa o valor de se viver em comunidade: viver no meu espaço e respeitar sempre gentilmente o espaço dos outros. Em um encontro de família, fiquei sentada na sala com os homens e ouvi de uma pessoa depois que eu não deveria ter permanecido ali conversando com os homens, mas na cozinha ajudando as mulheres a prepararem o café da tarde. Foi a primeira vez que me senti cobrada a sair de um lugar que me sentia bem para ir para um lugar que não queria estar - mas deveria estar. Foi a primeira vez que não senti minha escolha respeitada e uma cobrança dos moldes sociais. Fora de casa, essas situações passaram a ser mais comuns à medida que crescia. Eu fui uma boa aluna na escola e sempre arrasei nas ciências exatas.

Formada em engenharia mecatrônica, profissional em ambientes industriais e finalmente como consultora em multinacionais, transitei sempre em ambientes

majoritariamente masculinos que me desafiavam a ser a mulher do grupo. Hoje trabalho na @rede_mulher_empreadedora e na @aceleradoraherd e tenho a honra de transformar negócios liderados por mulheres. Brasileiras, estrangeiras, amarelas, marrons, interétnicas, lgtbs, solteiras, casadas, viúvas, com e sem filhos, com e sem deficiência, gordas e magras.

Com o conhecimento que adquiri nas empresas que trabalhei, atuo em desenvolver competências gerenciais de mulheres empreendedoras. Ajudo essas mulheres, mas sinto que recebo muito mais do que dou e aprendo mais sobre mim mesma na interação com elas. Acredito que a cultura japonesa pode ensinar muito sobre os valores de se viver em comunidade e colaborativamente. Acredito muito nisso.



Imagem 23 - Célia, ângulo contra-plongée

O relato de Célia começa ao evidenciar que a cultura japonesa trouxe ensinamentos positivos como por exemplo, viver em comunidade. Porém, o ato ilocutório presente no desdobramento seguinte mostra um dos fortes aspectos presentes na cultura de alguns países do leste asiático, inclusive no Japão, relativo ao machismo e ao sexismo. No Japão, por exemplo, é conveniente que o primeiro filho seja do gênero masculino para dar

continuidade ao sobrenome da família, apagando os sobrenomes das mulheres ao longo das gerações, assim como para dar continuidade à prática religiosa atribuída ao xintoísmo e ao budismo do cuidado com o oratório da família, conhecido como Butsudan. Na China, durante a década de 1970, a Política do Filho Único proporcionou um desequilíbrio de gênero quando todas as famílias desejavam filhos do gênero masculino para que fosse possível dar continuidade ao sobrenome além do homem se responsabilizar pelo cuidado dos pais durante a terceira idade.

O trecho *“ouvi de uma pessoa depois que eu não deveria ter permanecido ali conversando com os homens”* enquadra-se no que entendemos como violência simbólica, no qual a vítima - mulher - concorda e reproduz a ideologia machista através de pequenos gestos considerados hábitos normais mas que nada mais são do que uma prática sutilmente violenta. O momento em que Célia precisa retirar-se do ambiente no qual sente-se confortável junto aos homens para ajudar nas tarefas domésticas junto às mulheres, fere sua vontade de estar onde ela deseja em detrimento do exercício de um papel social construído em torno do feminino.

Outro fator que chama atenção no relato de Célia diz respeito justamente à sua área de atuação nas ciências exatas. Por não haver qualquer menção à discriminação machista e/ou sexista quanto ao fato de ser mulher em um ambiente majoritariamente masculino, torna possível pensarmos no estereótipo do indivíduo de ascendência asiática amarela inteligente ou bom em exatas como indício da interseccionalidade no caso de Célia, e como pressuposto, para que não houvesse outros tipos de discriminações machistas e/ou sexistas em âmbito profissional, ou seja, podemos refletir até que ponto o estereótipo acerca da ascendência asiático amarela a privou de certas discriminações. Nesse sentido, entendemos que o estereótipo age de forma complexa no momento em que oferece privilégios à uns enquanto inflige sofrimento à outros.

No trecho *“Hoje trabalho na [@rede_mulher_empreadora](#) e na [@aceleradoraherd](#) e tenho a honra de transformar negócios liderados por mulheres”* podemos perceber o perlocutório de Célia, uma vez que ela compreende que seu lugar de fala, seu conhecimento e história de vida podem ajudar outras mulheres.



Imagem 24 - Célia, ângulo em plano médio

Os ângulos em que Celia fora registrada, contra-plongée, plano médio e plano ao mesmo nível, remetem às noções de empoderamento, esclarecimento de relações pessoais e sociais, promoção da igualdade entre o sujeito e o observador respectivamente, já o olhar distante remete às lembranças e memórias que compõem seu relato.

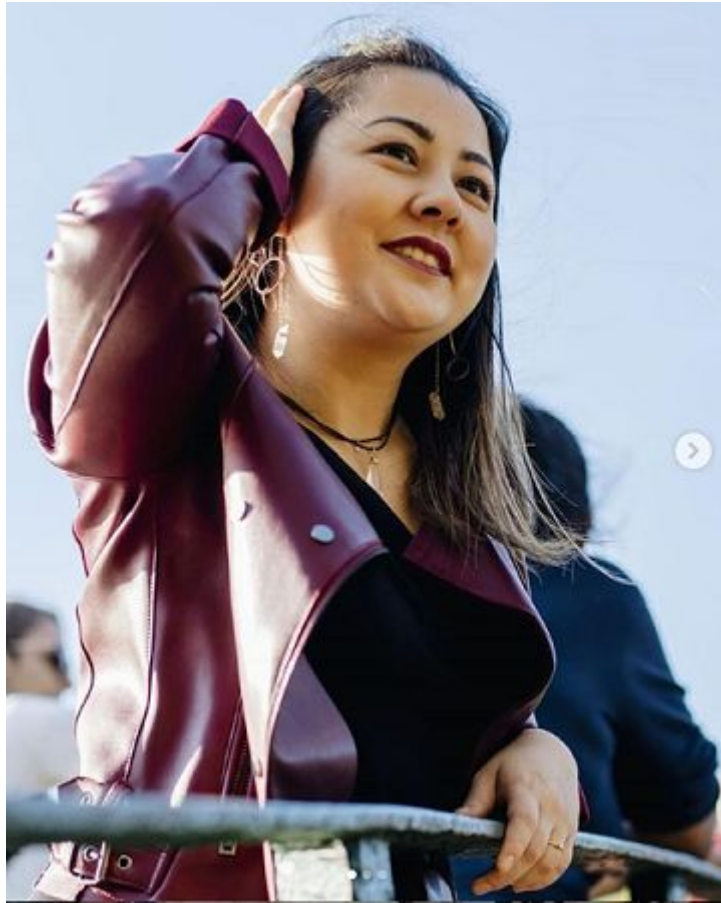


Imagem 25 - Dani, ângulo em contra-plongée
Fotos postadas em: 03/09/2019

Análise 9 - Dani: "Você é japonesa, chinesa ou coreana?" SOU BRASILEIRA! Sou mestiça, descendo de japoneses, espanhóis e portugueses, e acho essa mistura de conexões interraciais muito rica! Pena que ainda vivemos em um Brasil racista e xenófobo.

Sempre cresci com a ideia de me encaixar na sociedade branca. Nunca tinha parado para pensar e me considerar como amarela, até fazer um review do que já vivi. Na escola era a única de descendência asiática, morria de vergonha quando a professora fazia a chamada e tentava falar meu sobrenome, e todos riam de mim. Já perguntaram se consigo enxergar normalmente quando dou risada, já disseram que toda japonesa é igual, e como eu não era tão boa em exatas? E até perguntas com estereótipos sexistas (toda asiática tem a vagina invertida? Oiii??) e que até que eu era bonita para uma descendente (Ah, mas é porque você é mestiça!). Nunca convivi com amigos asiáticos, sempre tive uma turma muito diversa, e acho que foi isso que me fez enxergar o mundo com mais empatia. Saber que estereotipar pessoas limitam-as de serem quem querem ser. Nunca me faltou nada, mas aprendi a batalhar pelo o que queria. Consegui uma bolsa de estudos pelo PROUNI para cursar faculdade, fiz pós e curso um MBA. Sim, estudei a minha vida toda em escola

pública. E até isso é estereotipado. A pouco tempo realizei o sonho de conhecer o Japão e reencontrar minhas raízes. Mas lá eles não me consideram descendente, sou apenas "gaijin", e aqui passei a vida com as pessoas me chamando de japa. Às vezes é como se tivesse uma crise de identidade. Viemos de um passado não tão distante de escravidão e guerras mundiais, mas sinto que essa guerra infelizmente não acabou! Por quê ainda se julga uma pessoa pela cor de sua pele, criam-se julgamentos preconceituosos e piadinhas nada engraçadas. Mimimi? Ouço muitas pessoas falando isso...elas só não entendem que na verdade estamos na geração consciência, na geração que não se cala e tem orgulho de suas origens. Preciso enfatizar também que nada se compara com o preconceito enraizado contra a negritude. Por isso, precisamos nos solidarizar, criarmos empatia um pelo outro, e se aproveitar das diversidades desse país.



Imagem 26 - Dani, ângulo em plano médio

O relato de Dani começa explorando um terreno particular que diz respeito à confusão habitual entre nação de ascendência étnica e racial. Revela a associação equivocada entre nacionalidade e o estereótipo de como uma pessoa deve parecer-se para

sentir-se pertencente a um determinado país, quando na realidade nada impede que uma pessoa de ascendência asiático amarela possa ser brasileira “*Você é japonesa, chinesa ou coreana?*” *SOU BRASILEIRA!*”. No trecho entendemos que a pergunta também fora elaborada de modo equivocado pois a intenção era saber a ascendência de Dani. O ato ilocutório responsável por contextualizar seu relato refere-se principalmente aos estereótipos e como participaram do processo de construção de sua identidade.

A alteridade ligada à construção da identidade pode ser percebida no seguinte trecho do relato de Dani “*Sempre cresci com a ideia de me encaixar na sociedade branca. Nunca tinha parado para pensar e me considerar como amarela, até fazer um review do que já vivi*” a necessidade em tentar adaptar-se ao branco revela também o discurso em que o branco é o normal e todas as outras etnias e raças são exóticas, estrangeiras. No caso de Dani, a interseccionalidade faz-se presente quando menciona o estereótipo do aluno da escola pública *Sim, estudei a minha vida toda em escola pública. E até isso é estereotipado* vai de encontro ao estereótipo que compõem o aluno da escola pública quanto à raça e classe social.

Outro ponto interessante no relato de Dani diz respeito à intersecção classe social e raça porque o estereótipo da minoria modelo aplicado aos asiáticos amarelos — enquanto imigrantes que ascenderam socialmente — coloca suas experiências de vida como algo peculiar, incomum, sendo um dos fatores que poderiam culminar na sensação de deslocamento.

A crise identitária torna-se evidente quando Dani menciona o fato de não sentir-se pertencente nem ao Brasil nem ao Japão, pois, em ambos os países costuma ser tratada como o outro, o estrangeiro “*A pouco tempo realizei o sonho de conhecer o Japão e reencontrar minhas raízes. Mas lá eles não me consideram descendente, sou apenas “gaijin”, e aqui passei a vida com as pessoas me chamando de japa. Às vezes é como se tivesse uma crise de identidade*”.

O ato perlocutório surge no seguinte trecho “*Preciso enfatizar também que nada se compara com o preconceito enraizado contra a negritude*” quando Dani possui consciência de quais são suas lutas e qual é o seu lugar de fala.



Imagem 27 - Dani, ângulo em plano médio

Assim como em outras postagens, utiliza-se o ângulo contra-plongée - câmera de baixo para cima - com o objetivo engrandecer e empoderar enquanto a foto com ângulo em primeiro plano procura focar exclusivamente no sujeito. O ângulo em médio plano, ideal para esclarecer relações pessoais e sociais combinado ao olhar direto ao observador transmite orgulho para com sua história de vida.



Imagem 28 - Gabriela, ângulo em primeiro plano
Fotos postadas em: 20/10/2019

Análise 10 - Gabriela: *Sempre me senti muito perdida e sozinha entre os grupos étnicos. No meio em que cresci, eu era tida como uma "beleza exótica" e isso me fazia sentir especial, o que acabou me tornando uma pessoa extremamente preocupada com a aparência, coisa que contriubuiu [sic] diversas vezes com a minha objetificação eminente. Lembro do lado branco da minha família sempre comentando com meus pais que "apesar de tudo ela é bonita/vai dar trabalho/tem a cor do pecado", e de ""amigos"" que comentavam e fetichizavam o tamanho dos meus pés e mãos... Depois que comecei a me questionar e questionar todo o círculo em que cresci percebi o quanto me esforçava para me sentir inclusa em um grupo do qual nunca fazia parte, sempre me sentindo apenas a "atração" ou algo diferente paras pessoas olharem... Me sentia na interssecção [sic] e hoje percebo que muitos estão nesse mesmo lugar, interssecção [sic] essa que deixou de ser irrelevante e vem se tornando cada vez mais a maioria.*



Imagem 29 - Gabriela, ângulo em plano médio

Gabriela começa seu relato colocando em evidência o ato ilocutório referente à crise identitária por não conseguir sentir-se pertencente a nenhum de seus grupos étnicos parentais. Estar no limiar entre uma etnia e outra, por vezes faz com que o indivíduo mantenha-se distante da discussão acerca de suas origens étnicas ou escolha estar mais próximo a uma delas, renunciando a outra, no caso da interetnicidade ser composta por branco e asiáticos amarelos, a escolha pelo branco é fruto do discurso que estabelece o branco como o normal perante outras etnias e raças.

No caso de Gabriela, havia micro agressões pela parte branca de sua família pois acreditava que embora tivesse ascendência asiático amarela ainda seria bonita como fica explícito no trecho: *“apesar de tudo ela é bonita/vai dar trabalho/tem a cor do pecado”*. O pressuposto presente no trecho anterior diz respeito ao fato de os indivíduos asiáticos amarelos não se encaixarem no padrão de beleza branca. Enquanto isso, seu corpo era fetichizado em decorrência de sua ascendência asiático amarela (*“amigos” que comentavam e fetichizavam o tamanho dos meus pés e mãos...*).

Um dos aspectos presentes no relato de Gabriela permite a reflexão do quão complexa é a exotização porque a *“beleza exótica”* proporcionava a Gabriela a sensação de

ser especial e diferente, de certa forma, tendo impacto positivo em sua auto estima, mesmo que essencialmente a exotização trata-se de um processo reducionista. Ainda pensando sobre a expressão "*beleza exótica*" é importante observar até que ponto tal ideia gerou uma preocupação excessiva com a aparência em Gabriela tornando-a excepcionalmente vulnerável à aspectos da construção do feminino.



Imagem 30 - Gabriela, ângulo em contra-plongée

Os ângulos escolhidos para as fotos de Gabriela em primeiro plano, em plano médio e contra plongée- câmera de baixo para cima - focam no sujeito, colabora para pensarmos sobre relações pessoais e sociais presentes em seu relato assim como busca empoderar e engrandecer respectivamente.

7 Considerações Finais

A construção do trabalho aconteceu a partir da pergunta de pesquisa cujo pressuposto relacionava-se à alteridade como sendo fundamental para a construção da identidade. A princípio, pensávamos que o discurso xenofóbico assim como a confusão entre conceitos básicos como nacionalidade e ascendência racial produziam um sentimento de deslocamento em mulheres brasileiras de ascendência asiático amarela, mulheres brasileiras de ascendência asiático marrom e mulheres de ascendência interétnica. Tal deslocamento seria responsável por influenciar diretamente o processo de construção de sua identidade, pois não reconhecer-se como indivíduo pertencente ao seu país de origem apagaria uma de suas identidades.

Durante a análise do objeto de pesquisa, o Projeto Asiatique, pudemos observar a presença do sentimento de deslocamento em todos os relatos analisados, o qual identificamos como consequência da ação dos estereótipos. Observamos que essa análise contemplou cerca de 8,7% das postagens do perfil Projeto Asiatique.

Verificamos que o estereótipo sobre os traços do asiático amarelo, ou seja, como ele, no imaginário, deve parecer-se fisicamente, trata-se do fator de origem para a sensação de deslocamento em mulheres de ascendência interétnica. Portanto, não se encaixar em tal estereótipo induz à escolha por uma de das ascendências parentais com a qual cria-se maior identificação. Notamos em todos os casos em que a ascendência branca - quando componente para a interetnicidade - possui preferência em detrimento das demais ascendências por questões relativas ao maior distanciamento cultural - quando a cultura de povos do Oeste europeu é tomada como referência - e entendemos que essa preferência pode estar associada à presença constante do discurso xenofóbico e de exotização direcionado aos indivíduos asiáticos amarelos. Não obstante, é importante ressaltarmos a intersecção relatada por mulheres de ascendência interétnica a partir da consciência de que não apresentavam as características do estereótipo de ambas as ascendências parentais. Em mulheres cujas ascendências parentais são racializadas não-brancas identificamos o sentimento de deslocamento e a percepção diferente em relação às lutas por reconhecimento, e visam principalmente a mudança social estrutural de modo que contemple também outras lutas étnico raciais.

Já em relação às mulheres de ascendência asiático marrom, notamos que o estereótipo costuma ter fundamento a partir das práticas culturais e religiosas dos povos do Oeste Asiático e Oriente Médio, em parte distanciando-se dos demais estereótipos

presentes nas realidades de mulheres de ascendência interétnica e/ou amarelas, mas cujo resultado mantém-se o mesmo, provocando o deslocamento referente a uma de suas identidades.

No caso de mulheres de ascendência asiático amarela o estereótipo costuma ser direcionado a comportamentos, práticas culturais e à fetichização de seu corpo. A sensação de deslocamento possui origem no discurso xenofóbico e na associação frequente entre as noções referentes à ascendência racial e nacionalidade. Especificamente no caso de mulheres de ascendência asiático amarela, o resultado da análise é favorável à pergunta de pesquisa inicial.

Com base nas teorias apresentadas ao longo do trabalho sobre Identidade, Alteridade ligada ao processo de construção de identidade, Discurso, Interseccionalidade e Consubstancialidade das Relações Sociais pudemos concluir que os deslocamentos identitários presentes nos relatos analisados acontecem em decorrência da ação dos estereótipos e não necessariamente em decorrência do discurso xenofóbico ou da associação entre nacionalidade e ascendência racial.

Percebemos que o discurso age como ferramenta para disseminação dos estereótipos e, quando associado à fala do outro, toma a forma de experiência externa, tornando-a alteridade e influenciando diretamente no processo de construção identitária. Por conseguinte, entendemos a importância do Projeto Asiatique como oportunidade para promover discursos que se contraponham aos estereótipos além de ser um espaço de autoaceitação. Nesse espaço, mulheres interétnicas, mulheres de ascendência asiático amarela, mulheres de ascendência asiático marrom, mulheres Plus Size, mulheres LGBTQ+, encontram acolhimento e representatividade tão ausentes nas mídias tradicionais.

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CABECINHAS, Rosa. **Processos Cognitivos, Cultura e Estereótipos Sociais**. 2004. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/1650/1/rcabecinhas_II_iberico_2004.pdf>. Acesso em: 17 set.. 2019.

CASALI, Alipio Márcio Dias. Alteridade. **Fronteiras. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em Literatura e Crítica Literária**, [s.l.], n. 21, p.04-21, 13 dez. 2018. Portal de Revistas PUC SP. <http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2018i21p4-21>.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CONGRESSO ABRAPCORP, 12., 2018, Goiânia. **Novas Narrativas de Relações Públicas**: Transformadoras para uma sociedade mais inclusiva e humanizada. São Paulo: Abrapcorp, 2018. 925 p.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. 384 p.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v.10, n.1, p.171-189, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Dp&a Editora, 2006. 102 p.

HIRATA, Helena. Gênero, Classe e Raça: Interseccionalidade e Consubstancialidade das Relações Sociais. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 26, n. 1, p.63-71, jun. 2014.

KERGOAT, Danièle. **Dinâmica e Consubstancialidade das Relações Sociais**. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n86/n86a05.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2019.

KUNSCH, Margarida M. Krohling. Strategic communication in contemporary organizations. **Media & Jornalismo**, [s.l.], v. 18, n. 33, p.13-24, 2018. Coimbra University Press. http://dx.doi.org/10.14195/2183-5462_33_1.

LIPPMAN, Walter. (1922/1961). **Public Opinion**. Nova Iorque: Free Press.

LISBOA, Aline et al. A fotografia como comunicação. **Revista Educação**, Guarulhos, v. 11, n. 2, p.46-66, jun. 2016.

LUBENOW, Jorge Adriano. **Categoria de esfera pública em Jürgen Habermas: Para Uma Reconstrução Da Autocrítica**. 2 ed. [S.L.]: CRV, 2015.

MAIS da metade da população mundial usa a internet, aponta ONU. **G1**, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2018/12/07/mais-da-metade-da-populacao-mundial-usa-internet-aponta-onu.ghtml>>. Acesso em: 08/11/2019.

NÚMERO de usuários únicos de celular chega a cinco bilhões no mundo. **O Globo**, 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/numero-de-usuarios-unicos-de-celular-chega-cinco-bilhoes-no-mundo-22436866>>. Acesso em: 08/11/2019.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

STREY, Marlene N.; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise R. (Org.). **Gênero e cultura questões contemporâneas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. 298 p.

UNESCO: diversidade cultural contribui para um mundo mais pacífico e próspero. **UNESCO**, 2019. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/unesco-diversidade-cultural-contribui-para-mundo-mais-pacifico-e-prospero/>>. Acesso em: 13/11/2019.